Olavo de Carvalho

O Caráter como Forma Pura da Personalidade

Elementos para uma Astrocaracterologia

Instituto de Artes Liberais Astroscientia Editora Ltda. Rio de Janeiro – 1992

Índice

Índice....2
Introdução....3
O Debate que entrou em Órbita....6
Manifesto de Fundação da SBA....10
Plano do Curso de Astrocaracterologia....15
Que é a Astrocaracterologia?....20
Astrologia: Ciência e Ilusão....32
As Camadas da Personalidade 40
Biografia e Destinologia....54
Orientação quanto às Órbitas....62
Planetas nas Casas....65
Sobre o Ensino da Astrologia I....71
Sobre o Ensino da Astrologia II....76
Fontes dos Textos....80

Introdução

Reúno entre as duas capas deste livro alguns dos textos que distribuí aos alunos do Curso de Astrocaracterologia, em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre 1989 e 1992. O curso foi inteiramente gravado em fita e, transcrito, sobe a quase três mil páginas datilografadas.

Os textos escolhidos para a presente seleção representam os pontos de junção que articulam num todo as várias partes desse enorme conjunto. Podem, portanto, ser lidos com vantagem independentemente do resto do curso. Constituem, aliás, uma introdução preparatória ao Tratado de Astrocaracterologia, que é a transcrição integral e corrigida do curso, acompanhada dos estudos de casos, realizados pelos alunos e por mim a título menos de prova que de ilustração do método astrocaracterológico. O Tratado deverá constar de seis volumes, assim distribuídos:

I - Astrologia Pura e Aplicada

II - Astrologia e Caracterologia

III - As Camadas da Personalidade

IV - Conhecimento de Si e do Outro

V- A Técnica da Astrocaracterologia

VI - Estudos de Casos

O primeiro volume dará uma descrição crítica do estado presente do debate astrológico, explicando porque esbarra em enigmas sem solução, e propondo uma nova estratégia para o ataque ao problema das relações entre fenômenos celestes e terrestres; delimita as possibilidades da astrologia como ciência, separando cuidadosamente o território astrológico do que lhe é estranho ou circunvizinho e estabelecendo as relações da astrologia com outros campos do saber. Por incrível que pareça, isto é aqui realizado pela primeira vez na história do debate astrológico, embora constitua, como é claro, uma preliminar indispensável a toda abordagem séria do problema.

O segundo volume delimita o território da astrologia psicológica e, dentro dela, o da caracterologia astrológica, ou, como prefiro denominá-la, astrocaracterologia. Esta delimitação se faz separando, caso a caso, aquilo que, no estudo do caráter humano, pode ser captado por meio do instrumento astrológico, e aquilo que não pode. Para esse fim, comparo o diagnóstico de personalidade obtido pelo estudo do horóscopo natal com aquele que é dado pelas várias caracterologias e tipologias surgidas no século XX, como as de Klages,Szondi, Le

Senne, Reich, Jung, Pfahler e outros, demonstrando, caso a caso, os pontos de interseção e de exclusão entre ambas essas abordagens. A finalidade desta parte é estabelecer qual o setor, ou aspecto, da personalidade humana, que pode vantajosamente ser descrito por meios astrológicos, e quais os que escapam do território astrológico, embora os astrólogos praticantes insistam em neles exercer um domínio ilegítimo.

O terceiro volume dá uma expressão teórica aos resultados do estudo realizado no volume anterior, estruturando-os sob a forma de uma teoria da personalidade na qual, graças à delimitação de um território estrito, os conceitos e instrumentos psicológicos correspondem, simetricamente, aos astrológicos, criando, pela primeira vez, as bases de uma comparação sistemática entre os dois campos, comparação que até hoje vem sendo tentada somente em modo empírico e arbitrário e com resultados sempre decepcionantes.

O quarto volume estatui o método e a técnica para a articulação do estudo astrológico da personalidade com o seu estudo biográfico e sociológico, ou seja: trata de juntar, no domínio do diagnóstico prático, aquilo que fora cuidadosamente separado no terreno da teoria.

O quinto estabelece as correspondências entre as posições dos astros no horóscopo natal e os traços de caráter (tal como previamente delimitados em sentido astrocaracterológico estrito), criando assim *o* sistema das chaves interpretativas necessárias à aplicação prática do método e à sua verificação científica.

O sexto volume divide-se em duas partes. A primeira consta de estudos de casos realizados por alunos, isto é, de interpretações astrocaracterológicas acompanhadas dos dados biográficos e caracterológicos comprobatórios. A segunda resume um estudo realizado por mim, segundo um método diverso/para *o* estabelecimento das relações entre *os* traços de caráter (no sentido especial da astrocaracterologia) e as escolhas de temas ficcionais, nos horóscopos de romancistas célebres. Ilustram-se; deste modo, as duas vias principais de comprovação e eventual retificação das teses astrocaracterológicas: o estudo fenomenológico do caso individual considerado em sua totalidade e a comparação estatística de vários casos tomados num determinado e exclusivo aspecto. Este volume constitui, por confrontação, uma crítica veemente de todas as supostas "verificações científicas" realizadas nas últimas décadas sobre a astrologia, todas elas marcadas pelo vício redibitório da superficialidade e do desejo de conclusões rápidas que confirmem prejulgamentos favoráveis *ou* desfavoráveis.

Tendo em vista o plano do Tratado, o leitor poderá localizar adequadamente os textos do presente volume no conjunto da ciência astrocaracterológica, na qual eles constituem, como foi dito, pontos de junção e lugares privilegiados.

Este volume não vale por si, é claro, mas é por ele que deve começar o estudo da

astrocaracterologia, pois fornece a visão sintética daquilo que o Tratado desenvolve em modo analítico. Se, aqui ou ali, os textos parecerem obscuros, isto se deve à razão de que síntese é brevidade, e a brevidade não comporta nenhuma perfeita clareza.

□□□□

Agradeço de todo o coração a Márcia Fonseca, a Maria Angélica Harakava, a Henriette Aparecida da Fonseca e a todos os membros da Sociedade Brasileira de Astrocaracterologia (SBA), de São Paulo e do Rio de Janeiro, sem cuja colaboração este livro não teria sido escrito nem publicado.

Mas ainda é preciso acrescentar a1go. Na aula inaugural, proferida em São Paulo em abril de 1990, comuniquei aos alunos que o **Curso de Astrocaracterologia** seria dedicado como homenagem ao Dr. Juan Alfredo César Muller, o qual não se encontrava ali presente por razões de saúde. A primeira apostila, com a transcrição dessa aula, foi publicada algumas semanas depois. Enviei um exemplar ao Dr. Muller, que o leu com grande dificuldade- mal enxergando as letras miúdas - na cama do hospital onde se encontrava internado. Seus filhos contaram-me, depois, da grande alegria e satisfação com que o mestre leu até onde lhe permitiam suas forças as páginas em que se cristalizavam os frutos do seu ensinamento na gratidão e no trabalho de um discípulo. Foi sua última alegria. Juan Alfredo César Muller faleceu naquela mesma noite.

O Debate que entrou em Órbita

Ao longo das últimas décadas, a astrologia tomou-se um sucedâneo de religião para as massas de classe média e um *hobby* "espiritual" para os letrados. Montada na onda do novo paradigma que alguns teóricos reclamam para a ciência no século XXI, ela ganhou mesmo ares de respeitabilidade em muitos círculos acadêmicos. Nada parece deter sua ascensão. Até as reações hostis de alguns religiosos e homens de ciência apenas aumentam sua popularidade. No mínimo, o que é objeto de debate é objeto de atenção.

No entanto, os debates, na sua quase totalidade, têm se limitado aos aspectos mais vistosos e periféricos da questão astrológica, sem fazerem avançar um passo sequer a resposta às perguntas que constituem, ou deveriam constituir, o miolo do problema: existe, objetivamente, uma relação entre os movimentos dos astros no céu e o desenrolar da vida humana na Terra? Se existe, qual a sua natureza e o seu alcance? Quais as causas que a determinam? Quais as possibilidades e os meios de conhecê-la cientificamente?

Em vez de enfrentar essas perguntas, os adeptos e adversários da astrologia preferem discutir o seguinte tópico: "Astrologia funciona?" O debate centra-se assim na astrologia como prática divinatória ou diagnóstica, e deixa de lado a questão das influências astrais propriamente ditas. Aparentemente, nenhum dos partidos em disputa se deu conta de que a existência ou inexistência de influências planetárias sobre a vida humana, de um lado, e, de outro, a eficácia ou ineficácia da ciência ou pseudociência que se gaba de conhecê-las, são questões perfeitamente distintas, e de que não se pode decidir a segunda sem haver antes oferecido uma resposta suficiente para a primeira. Pois o que caracteriza a astrologia não é a afirmação genérica de que "existem influências astrais" (a qual pode ser admitida até mesmo por quem odeie astrologia), mas sim a pretensão de, já possuir um conhecimento cabal de todas as suas manifestações e variedades, a ponto de poder interpretar a influência de todas as posições planetárias possíveis sobre cada homem e cada momento em particular. Bem pode ser, é claro, que esta pretensão seja maluca, sem que por isto o fenômeno das influências astrais, em si mesmo e independentemente das interpretações que os astrólogos façam dele, tenha de ser considerado irreal.

Por óbvia que seja essa advertência, os protagonistas do debate astrológico têm preferido omiti-la, confundindo a si mesmos e ao público, Invariavelmente! No calor da polêmica, cada pequeno indício da existência de influências astrais é tomado como argumento legitimador da prática astrológica existente; e, de outro lado, cada sinal de ineficácia ou erro dos astrólogos é interpretado como prova da irrealidade das influências astrais. Por exemplo, a pesquisa realizada por Michel Gauquelin, na França, que numa revisão de 500.000 horóscopos de nascimento encontrou uma correlação estatística altamente significativa entre grupos profissionais e tipos astrológicos (conforme a posição dos planetas na hora do nascimento), é brandida orgulhosamente pelos astrólogos como prova de que "astrologia funciona", e não

somente de que existem influências astrais. Do mesmo modo, o físico Shawn Carlson, da Universidade da Califórnia, após ter verificado, em testes estatísticos, a incapacidade de vinte astrólogos para identificarem traços de personalidade com base em horóscopos de nascimento, divulgou esse resultado (na revista *Nature)* como prova de que "não existem influências astrais", e não somente de que a "astrologia não funciona" (pelo menos tal como praticada atualmente).

Confusões dessa ordem são a regra geral nos debates sobre astrologia, e mesmo os homens mais preparados não escapam dela. Numa recente mesa-redonda na UFRJ, confrontado com um sujeito que era, para cúmulo, professor de metodologia científica, não consegui, por nada deste mundo, fazê-Io compreender a inépcia de uma discussão colocada nesses termos. Com os astrólogos, excetuando uns *happy few,* não tenho logrado resultados melhores. Coisas desse tipo contribuem para fazer do debate astrológico um sinal particularmente enfático da demência contemporânea.

No entanto, a questão das influências astrais, em si, e independentemente da polêmica, é da máxima importância para a nossa civilização em seu estágio presente. Se nos lembrarmos de que a geografia se constituiu e se expandiu rapidamente como ciência a partir do momento em que uma Europa unificada culturalmente partiu para as navegações e a descoberta da Terra, é fácil perceber, por analogia, que a humanidade culturalmente unificada de hoje, ao partir para a exploração do ambiente cósmico em torno, se defronta com a, necessidade urgente de uma nova colocação do problema das relações entre o cosmos e a vida humana, não somente biológica, mas histórica e psicológica; e este é, precisamente, o tema da astrologia. Este tema oferece, inclusive, a oportunidade de uma recolocação global das relações, ainda hoje obscuras, entre ciências "naturais" e ciências "humanas". A nulidade dos resultados que a astrologia tenha até agora alcançado na sua investigação, com os métodos peculiares e um Janto extravagantes que emprega, não justifica que o tema mesmo seja negligenciado. Aliás, não foi a propósito da astrologia que Kepler enunciou seu célebre aviso sobre a criança e a água do banho? Se a astrologia tal como. Praticou-se e se pratica hoje é falsa, o que temos de fazer é uma verdadeira, ao invés de proclamar, com uma autoconfiança de avestruz, a inexistência do fenômeno sob a alegação da falsidade do que dele se diz. Se os historiadores erram em suas interpretações da Revolução Francesa, ou se os zoólogos eventualmente se equivocam quanto à fisiologia das vacas, isto não constitui motivo suficiente para concluir que a Revolução Francesa não aconteceu e que as vacas não existem.

Por tudo isso, é espantoso o contraste entre o baixo nível do debate astrológico hoje em dia e as discussões que seis ou sete séculos atrás os acadêmicos faziam a respeito do mesmo tema. Quando examinamos as páginas que Santo Tomás de Aquino, Hugo de S. Vítor, John de Salisbury e outros intelectuais medievais consagraram ao problema astrológico, supreendemo-nos com o rigor e a serenidade de suas colocações, que constituem um exemplo para nós.

Particularmente Santo Tomás chegou a desenvolver urna teoria completa das influências astrais, que constitui até hoje uma das mais límpidas colocações do problema e pode' servir de marco inicial para as nossas investigações atuais.

Tendo tocado no assunto, de passagem, na Suma Teológica e nos comentários à Física de Aristóteles, ele lhe dá um tratamento sistemático em cinqüenta densas páginas da Suma contra os Gentios (1258). Ele não discute a existência das influências astrais, que no seu tempo eram consideradas uma realidade geralmente admitida (mesmo pelos que, em nome da religião, condenavam a prática da astrologia divinatória); esforça-se apenas por definir a sua natureza e precisar o seu alcance. É verdade que sua análise se detém no nível meramente conceptual e lógico, sem entrar no campo da investigação empírica. Mas quem não sabe que sem conceitos claros e uma hipótese condutora a investigação empírica é perda de tempo?

O que Santo Tomás sugere, em essência, é que um corpo não pode exercer nenhuma influência causal sobre o que não seja também corpo; e que, portanto, está excluída a hipótese de que os astros exerçam qualquer influência sobre a psique e o comportamento humanos a não ser por intermédio de alterações fisiológicas. Ele chega a sugerir que os astros afetem a formação do embrião e que, produzindo assim conformações corporais diversas, acabem por agir como causas remotas do comportamento humano. Os movimentos planetários, diz ele, não influenciam a inteligência e a vontade humanas, mas, atuando sobre os corpos, predis-põem a distúrbios passionais que podem obstar a livre operação da inteligência e da vontade.

A tremenda importância dessas observações reside em que elas colocam a questão astrológica na linha de uma investigação científica possível, tirando-a da esfera dos argumentos metafísicos e teológicos sobre determinismo e livre-arbítrio. Mas, passados sete séculos, a lição do grande escolástico ainda não foi assimilada, pois tais argumentos continuam comparecendo invariavelmente em toda discussão sobre o problema astrológico, malgrado sua já demonstrada impertinência e esterilidade.

O tratamento que Tomás deu à questão mostra, ademais, que ela pode e deve ser abordada independentemente de quaisquer reivindicações polêmicas sobre a legitimidade ou ilegitimidade da astrologia enquanto prática. Esta lição também não foi assimilada.

Em resumo, no século XIII estávamos mais perto de uma colocação racional do problema do que estamos hoje, justamente quando ele se revela mais importante e urgente.

De outro lado, é claro que, se em vez de investigar diretamente o fenômeno astral continuarmos polemizando sobre "a" astrologia, não chegaremos a nada. "A" astrologia é um amálgama enorme e confuso de códigos simbólicos, mitos e preceitos empíricos, procedentes de épocas e civilizações diversas, e impossíveis de reduzir a um corpo unitário de doutrina. Como pronunciar-se, de um só golpe, sobre a veracidade ou falsidade de uma massa tão heteróclita? Só a ignorância fanática ou o desejo de aparecer explicam que alguém se

disponha a tomar partido num debate que se coloque. nesses termos. Mas, se os interessados no debate astrológico estão atrasados de sete séculos em assimilar a lição de Tomás, é que estão atrasados de vinte em assimilar a de Aristóteles, o qual ensinava que, de um sujeito equívoco, nada se pode predicar univocamente. "A" astrologia é muitas coisas. Talvez algumas delas sejam verdadeiras, outras falsas. Quando essa mixórdia milenar se houver transformado num corpo teórico explícito, à custa de depurações dialéticas e metodológicas como as operadas por Santo Tomás, então e somente então poderemos debater com proveito sobre sua veracidade ou falsidade. Até lá, tudo o que podemos fazer é declarar, humildemente, se gostamos dela ou não. Quanto a mim, é claro que gosto.

Manifesto de Fundação da SBA

1. Denominamos Astrologia todo e qualquer estudo das relações entre fenômenos astronômicos e eventos terrestres, de ordem natural ou humana.

2. Como ciência comparativa, a Astrologia não estuda um ente, uma coisa, mas uma relação: ente lógico que tem de ser construída teoricamente, antes de poder ser pesquisado na realidade empírica. A pesquisa astrológica requer, como condição primeira, uma discussão gnosiológica e criteriológica que ainda não foi empreendida.

3. A comparação que a astrologia estabelece tem, como um de seus termos, a figura astronômica do céu - elemento unívoco, redutível a um conjunto de fórmulas. O outro termo da comparação é a fenomenalidade terrestre em toda a sua inesgotável extensão e variedade.. A desproporção entre os termos coloca problemas metodológicos peculiares, aos quais ainda não se deu a devida atenção.

4. Um desses problemas refere-se ao fato de que o conjunto da fenomenalidade terrestre e humana só pode ser abarcado pela totalidade do sistema das ciências, e não, por esta ou aquela ciência em particular. A divisão e catalogação da fenomenalidade terrestre e humana coincide necessariamente com a das categorias, modos e formas do conhecimento científico.

   Daí resulta: (a) que a Astrologia é, por natureza, astronomia comparada: astronomia comparada à Biologia, quando estuda fenômenos biológicos; comparada à História, quando estuda eventos e etapas da História; e assim por diante.

   O astrólogo não enfoca jamais a fenomenalidade terrestre em seu estado bruto, mas sempre já elaborada, definida e catalogada por alguma ciência existente.

   Resulta ademais: (b) que a exigência metodológica em qualquer estudo astrológico é tripla. Ao estudar astrologicamente qualquer setor da fenomenalidade terrestre o astrólogo deve prestar satisfação: primeiro, às exigências da astronomia, para o correto desenho do céu; às da ciência que define e pesquisa esse campo específico (História, Biologia, etc.): finalmente, às do método astrológico propriamente dito, que não pode ser um só, totalitário e unívoco, para todos os campos estudados, mas requer uma a moldagem minuciosa e altamente problemática às peculiaridades de cada campo.

   A Astrologia, portanto, não é uma ciência só, mas uma multidão de ciências, com uma pluralidade de métodos. Deve haver, é claro, uma Astrologia Geral, puramente teórica, mas só pode haver "pesquisa científica" no campo das astrologias especiais.

5. Cabe à Astrologia Geral, ou Pura, ou Teórica, definir, como mera hipótese teórica, e

localizar coerentemente no corpo da epistemologia vigente, as relações entre fenômenos terrestres e celestes.

Cabe às Astrologias Especiais: (a) amoldar essa hipótese ao seu campo específico: (b) definir os métodos e critérios cabíveis no caso; (c) empreender as pesquisas necessárias; (d) corrigir e aperfeiçoar a hipótese especial; (e) verificar em que medida essas correções e aperfeiçoamentos afetam a teoria geral.

6. Denominamos Astrocaracterologia o setor da Astrologia que estuda, especificamente e com métodos específicos, as relações entre a figura celeste no instante do nascimento de um indivíduo humano e o caráter desse indivíduo.

7. Denominamos caráter a parte fixa e estrutural da personalidade; o esquema de base por trás de todas as mutações determinadas por fatores exógenos; o esqueleto da personalidade não o seu corpo total e vivente.

8. São tarefas primordiais da Astrocaracterologia:

   a) Fazer uma revisão crítica de todas as principais teorias caracterológicas, como as de Klages, Le Senne, Berger, Bühler, e assim por diante.

   b) Estabelecer o quadro mínimo dos fatores e elementos estruturais do caráter - abstraindo-se de toda especulação sobre as causas.

   c) Estabelecer, por simples analogia, as correspondências entre esses fatores e elementos e os componentes do mapa astrológico - planetas, casas, aspectos, etc. - tomados isoladamente. Isto constituir o primeiro esboço da hipótese astrocaracterológica.

   d) Estabelecer a possibilidade de uma particularização dessa hipótese; isto é, verificar se a analogia entre a estrutura do caráter em geral e o sistema planetário pode ser transposta ao plano de urna correspondência entre a figura do céu num instante determinado e o caráter de um indivíduo determinado. Esta transposição, ao contrário do que parece imaginar a maioria dos astrólogos, é altamente problemática.

   e) Desenvolver, por método dedutivo, a diferenciação dos fatores planetários segundo casas e signos. Isto constituiria o corpo total da hipótese astrocaracterológica: o esboço da "técnica da interpretação" possível.

   f) Destacar, do conjunto dessa hipótese, os aspectos mais passíveis de comprovação ou refutação clínica (por observação de casos).

   g) Proceder às pesquisas, após o estabelecimento de métodos apropriados.

   h) Desenvolver métodos de observação experimental.

9. O objetivo fundamental da Sociedade Brasileira de Astrocaracterologia é (a) transmitir a profissionais e estudantes a parte já realizada desse programa; (b) formar pesquisadores para realizarem a parte restante.

   A formulação metodológica prévia dos requisitos da Astrologia Geral ou Teórica já foi apresentada em nosso curso Astrologia: Ciência e Ilusão; as linhas mestras da metodologia astrocaracterológica, em nosso curso Astrologia e Caracterologia. Ambos estes cursos foram repetidos em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador. Suas transcrições serão colocadas à disposição dos membros da Sociedade, preparando-os para o Curso de Astrocaracterologia Fundamental, que terá a duração de dois anos, com quatro aulas mensais. O curso será dado tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.

10. A Astrocaracterologia pretende ser uma contribuição para a elevação geral do debate astrológico, que tem de deixar de ser um confronto de preconceitos e equívocos, uma impossível peleja entre ocultistas fanáticos e materialistas tacanhos.

    Nesta entrada do século XXI, quando o estreitamento do horizonte terrestre e a abertura do espaço cósmico às explorações científicas colocam, com máxima urgência, a questão das relações entre o ambiente cósmico e a fenomenalidade terrestre e humana, é absolutamente necessário um esforço para colocar essa questão de maneira responsável, ao nível de um saber crítico e não dogmático.

Se não o fizermos, outros o farão. Assim como se disse que a guerra é assunto demasiado sério para ficar nas mãos dos generais, poderá dizer-se um dia que as relações entre astros e homens são coisa demasiado grave e grande para ficar entregue à responsabilidade de astrólogos.

Uma palavrinha sobre critérios e premissas

A Astrocaracterologia colhe, à vontade, elementos do antigo simbolismo astrológico e esotérico e da moderna metodologia científica, sem outra fidelidade senão à evidência.

Não tenho preconceitos nem contra as formas intuitivas e afetivas de conhecimento, nem contra as exigências da racionalidade e do método científico. Nem a "ciência" nem o "esoterismo" deveriam jamais constituir ídolos ou fetiches ante os quais nos prosternassemos em adoração.

Hoje em dia, no entanto, alguns falam de "intuição" e de "sabedoria interior" como se fossem detentores de algum sublime segredo, inacessível a nós outros, meros animais racionais. Quando os contestamos, recusam-se a argumentar conosco. Refugiam-se na autoridade do silêncio e apelam ao juízo supremo do seu "guru interior" - o qual, se é que realmente lhes

cochicha alguma coisa por dentro, a nós não nos diz nada em voz alta. Escorregam, assim, por fora da discussão franca, que os desmascararia. Mas o guru interior de um trapaceiro não poderia de fato lhes ensinar senão trapaças. Outros enchem a boca ao falar de "ciência", como se a ciência não fosse contínuo esforço de crítica e revisão, e sim a garantia terminal e sacrossanta das coisas - às vezes bastante vulgares e supersticiosas - em que eles mesmos acreditam. Traem, assim, a causa da racionalidade, a que professam servir. Nutrem-se do prestígio social da ciência sem pagar a quota de incerteza e de doloroso esforço que ela, pois sua natureza mesma exige.

Contra essas posturas, afetadas e pedantes, é preciso uma vez mais e sempre lembrar: ciência e esoterismo, razão e intuição, sentir e pensar, não são senão meios em vista de um fim: a busca e o encontro da verdade.

O que importa não é se um conhecimento é intuitivo ou racional, esotérico ou científico: o que importa é se é verdadeiro ou falso. O que importa não são os meios com que se obtém conhecimento: é a veracidade desse conhecimento.

No entanto, quantos, hoje, não estão prontos a rejeitar as mais nítidas e insofismáveis demonstrações da lógica, sob a alegação de que são abstratas, como se abstrato fosse sinônimo de falso! E quantos, de outro lado, não se apressam em negar a realidade de suas mais intensas vivências interiores, só pelo fato de serem intuitivas e não poderem ser "provadas".

São duas formas, igualmente graves, de alienação da consciência humana.

Porque realmente não há outro juiz da verdade senão a inteligência do indivíduo humano adulto e autoconsciente.

Ela pode servir-se da razão e da intuição, da lógica e do sentimento; pode pedir a ajuda da ciência e da revelação, do esoterismo e das tradições iniciáticas, da comunidade acadêmica e do clero, dos anjos e dos santos; mas não pode transferir a nenhuma essas instâncias a responsabilidade de saber, em lugar dela e em seu nome, discernir o verdadeiro do falso. *Hic homo singularis intelligit:* o sujeito do ato intelectivo é o indivíduo singular.

Premido entre as exigências múltiplas e contraditórias das autoridades que ele mesmo estatuiu - a autoridade da ciência, a autoridade da tradição, a autoridade da opinião pública e das sociedades secretas, a autoridade das forças históricas, a autoridade do corpo que geme, deseja e comanda, o homem moderno está sempre pronto a ceder a alguma delas o privilégio e o dever, a dor e a suprema glória de saber a verdade, coisa que só a ele compete e a ninguém mais.

O homem real, o homem individual de carne e osso) histórico e contingente,pecador, mentiroso, frágil e nascido em prantos, é, não obstante todas essas deficiências, o único que sabe e que pode saber, porque tem inteligência e autoconsciência. Ele não tem a quem

perguntar, exceto a esta inteligência autoconsciente, capaz de captar a evidência e reconhecer a verdade. Ninguém pode fazer isto por ele. 0 próprio Deus, se descesse a Terra para dar a conhecer a verdade ao homem, não poderia fazê-lo senão mediante o livre assentimento da inteligência autoconsciente deste último.

Como tribunal da verdade, não há instância superior à consciência humana, porque é nela e para ela somente que a verdade existe.

Se alguma premissa filosófica é indispensável aceitar para poder compreender proveitosamente a Astrocaracterologia, é este firme reconhecimento do poder único e intransferível da inteligência autoconsciente de conhecer a verdade por esforço próprio e em meio a todas as limitações e precariedades da condição humana. Sem este reconhecimento, a inteligência s(; aliena, transfere a outrem a autoridade de conhecer por ela e em vez dela, e termina envilecida como serva dê algum deus improvisado.

A Astrocaracterologia versa sobre o mais difícil e escorregadio dos conhecimentos:, o conhecimento do homem pelo homem. Só uma inteligência firmemente centrada na consciência do seu poder e do seu dever pode com proveito dedicar-se a tal estudo.

Plano do Curso de Astrocaracterologia

Programa da parte prática, a qual corresponde ao primeiro ano.

Síntese inicial:

1. Generalidades sobre astrocaracterologia
2. Estudo descritivo de um horóscopo
3. A eficiência e as razões da astrocaracterologia

Estudo analítico:

Seção I - Conceitos e distinções preliminares

1. Tipologia, Caracterologia, astrocaracterologia
2. O caráter enquanto forma da individualidade
3. Distinção entre.a forma e os conteúdos:
   a) Caráter e destino
4. Distinção entre a forma e os conteúdos:
   b) Caráter e tendências
5. Distinção entre a forma e os conteúdos:
   c) Caráter e hábitos
6. O caráter como uma das causas do comportamento, e como distingui-lo das demais causas
7. Noções preliminares de caracterologia prática

Seção II - Estrutura do caráter

1. Componentes do caráter:
   a) As faculdades
2. Componentes do caráter:
   b) As direções da atenção
3. Lei da reciprocidade das faculdades e direções
4. Irredutibilidade do caráter
5. Multiplicidade de expressões do caráter, segundo os fatores extra-caracterológicos
6. Correspondências astrológicas das faculdades e direções

Seção III - Estudo das faculdades:

A - A INTELIGÊNCIAEM GERAL

1. Natureza da inteligência humana

2. Distinções entre a inteligência e outras faculdades cognitivas
3. Gênese da inteligência, no indivíduo e na espécie

Seção IV - Estudo das faculdades:

B - INTUIÇÃO E RAZÃO

1. Posição do problema
2. Intuição e razão segundo Aristóteles e a Escolástica
3. Intuição e razão segundo Descartes e Espinosa
4. Intuição e razão segundo Kant
5. Intuição e razão segundo Bergson
6. Intuição e razão segundo Croce
7. O domínio próprio da intuição
8. O domínio próprio da razão
9. Razão e raciocínio
10. Distinções sobre a intuição
11. O problema da "intuição intelectual"

Seção V - Estudo das faculdades:

C - A INTUIÇÃO

1. Correspondência astrológica da faculdade intuitiva
2. Teoria da tripla intuição originária
3. Diferenciação individual das formas de intuição
4. Estudo detalhado do Sol nas doze casas astrológica
5. A intuição como origem das demais faculdades
6. Estímulos e obstáculos ao pleno uso da faculdade intuitiva

Seção VI - Estudo das faculdades:

D -A RAZÃO

1. Gênese da razão no indivíduo. Correspondência Astrológica
2. Desenvolvimento da razão
3. Experiência.e generalização
4. Origem dos traumas cognitivos
5. Correção dos traumas cognitivos
6. Diferenciação da razão em tipos individuais
7. Estudo detalhado de Saturno nas doze casas

Seção VII - Síntese do tipo intelectual

1. Relações funcionais entre intuição e razão
2. Os 144 tipos de inteligência

3. Estudo detalhado de alguns casos

Seção VIII -Estudo das faculdades:

E - A VONTADE EM GERAL

1. Natureza da vontade
2. Distinções e esclarecimentos
3. Vontade e liberdade
4. Vontade e inteligência
5. Vontade e impulsividade

Seção IX - Estudo das faculdades:

F - A VONTADE PURA

1. Sua natureza e sua correspondência astrológica
2. Diferenciação individual das formas da vontade
3. Estudo detalhado de Júpiter nas doze casas

Seção X - Estudo das faculdades:

G - A REATIVIDADE

1. Sua natureza e sua correspondência astrológica
2. Paralelo com a faculdade de estimativa
3. Relações com a vontade pura
4. Diferenciação individual das forças da reatividade
5. Estudo detalhado de Marte nas doze casas

Seção XI - Síntese do tipo volitivo

1. Dinâmica de Marte e Júpiter no horóscopo
2. Estudo de alguns dos 144 tipos volitivos

Seção XII - Estudo das faculdades:

H - A AFETIVIDADE EM GERAL

1. Do afeto à percepção
2. O limiar da cognição
3. Afetividade e valor - aspecto cultural da afetividade
4. Diferenciação entre a forma e conteúdo da afetividade
5. Como o conteúdo da afetividade pode ser influenciado por fatores exógenos, mas não a forma

Seção XIII - Estudo das faculdades:

I - O SENTIMENTO PURO

1. Sentimento e sensação
2. Caráter passivo do sentimento, e sua dependência da memória
3. Sua correspondência astrológica
4. Diferenciação das formas individuais do sentimento
5. Estudo detalhado da Lua nas doze casas
6. Forma e conteúdo do sentimento

Seção XIV - Estudo das faculdades:

J – A FANTASIA

1. Fantasia memorativa e imaginativa
2. Aspecto afetivo e aspecto cognitivo da fantasia
3. Fantasia como passagem do sentimento a intuição
4. Correspondência astrológica da fantasia ou imaginação
5. Estudo detalhado de Vênus nas doze casas

Seção XV – Síntese do tipo afetivo

1. Relações entre sentimento e fantasia
2. Estudo de alguns dos 144 tipos afetivos

SÍNTESE FINAL

1. Estudo completo de alguns horóscopos de exemplo
2. Técnica da exposição oral e escrita do diagnóstico astrocaracterológico
3. Esclarecimento e advertências
4. Valor e limites da astrocaracterologia
5. Exercícios e provas

O segundo ano será ocupado pela exposição dos seguintes tópicos: .

1. Questões teóricas: fundamentos cognitivos do simbolismo astrológico; estatuto epistemológico da astrologia; exame crítico de algumas tentativas recentes de dar fundamentos científico à astrologia; o uso do método científico em astrologia; relações entre astrologia e esoterismo, etc.

2. Elenco de pontos obscuros e duvidosos que necessitam de pesquisa mais aprofundada para seu esclarecimento. Isto é: possibilidades de desenvolvimento da Astrocaracterologia, que eventualmente poderão ser realizadas pelos alunos.

3. Astrocaracterologias especiais, isto é, modificações da técnica astrocaracterológica para sua aplicação a diferentes domínios, por exemplo: psicopatologia; pedagogia; estudos literários; história e biografia, etc.

No encerramento do primeiro ano, o aluno dever apresentar\dois Estudos de Casos, demonstrando "domínio da técnica astrocaracterológica; no encerramento do segundo ano, uma monografia sobre um dos tópicos lecionados, demonstrando domínio das questões teóricas pertinentes.

Que é a Astrocaracterologia?

1. Astrocaracterologia é a ciência que investiga as relações entre os fenômenos celestes e o caráter humano.

2. Seu objetivo é averiguar se tais relações existem e, caso existam, precisar sua natureza, seu alcance e suas modalidades.

3. A Astrocaracterologia parte de uma hipótese alegada pelos astrólogos - a de que existem tais relações - e procura precisá-la, reduzindo a uma formulação única e essencial a variedade de versões e interpretações que lhe dão os astrólogos, para em seguida poder averiguá-la cientificamente.

4. Dessa maneira, a astrocaracterologia pode ser compreendida quer como uma parte especial da astrologia - de vez que estuda somente um campo delimitado dentro da variedade de temas de que se ocupam os astrólogos - , quer como uma anti-astrologia - na medida em que trata como mera hipótese o que para os astrólogos é uma certeza prévia e na medida em que dá ao tema um tratamento diverso daquele que recebe da astrologia -, quer como urna astrologia reformada. Ela é de fato essas três coisas, conforme o ângulo por onde se veja.

5. A parte mais importante do trabalho desta ciência consiste, durante esta fase inicial, na elaboração e formalização da hipótese astrocaracterológica. Esta se constitui de três grupos de proposições:

   a) proposições concernentes à existência, natureza e limites das mencionadas relações;

   b) proposições concernentes à diversificação dessas relações em modalidades e níveis distintos;

   c) proposições concernentes à sua diversificação segundo os caracteres individuais humanos.

   Estes três grupos de proposições deverão ser obtido mediante redução fenomenológica da variedade de formulações e versões que o tema recebe da astrologia clássica contemporânea; e, em seguida hierarquizada sistemática mente segundo seus nexos lógicos.

   Desta feita, estará formado, pela primeira vez na História, um corpo integral e coerente da teoria astrológica (na parte concernente em especial ao caráter humano).

6. A astrocaracterologia parte da constatação de que astrologia clássica e moderna não é nem clara nem coerente na formulação de suas alegações, as quais no entanto são em grande número. Esta constatação, conclui serem prematuras e estéreis todas as discussões sobre a validade (ou não de tais alegações, de vez que, como já ensinava Aristóteles nada se pode predicar univocamente de um objeto equívoco.

Para o astrocaracterólogo, a astrologia existente não nem ciência nem não-ciência, mas apenas uma possibilidade de ciência, isto é: um problema científico à espera de meios para ser solucionado.

7. A astrocaracterologia admite, como hipótese também, que, por trás da variedade por vezes alucinante do que alegam os astrólogos, pode haver uma unidade de intenção que haja escapado aos próprios astrólogos. Caso não exista *de facto* (o que somente o exame fenomenológico das semelhanças e diferenças pode revelar), ainda assim essa unidade poderá ser construída artificialmente pelo astrocaracterólogo, a título de unidade ideal.

Dito de outro modo, pode ser que os astrólogos de várias épocas, com seu discurso arrevesado, frouxo, confuso e por vezes contraditório, estejam tentando expressar algum tipo de intuição vaga e fantasmática de um corpo de fenômenos que seja, não obstante, perfeitamente real em si mesmo. Assim, como o policial que utiliza o melhor de suas faculdades interpretativas para reduzir a termos sensatos o depoimento de uma testemunha atordoada, perplexa e gaguejante ante os fatos que observou, o astrocaracterólogo, nesta primeira fase de sua investigação, se põe a ouvir compreensivamente o discurso, astrológico, sem prejudicá-lo, e procurando reduzi-lo a um corpo racional de hipóteses. Uma verdade confusamente dita pode passar por mentira; uma mentira confusa não tem como ser desmascarada. Esclarecer as pretensões dos astrólogos é a primeira tarefa da astrocaracterologia. Se tais pretensões, colhidas dos textos astrológicos, não se revelarem por si capazes de se articular num corpo coerente, o astrocaracterólogo preencher por dedução as partes faltantes, constituindo destarte a unidade ideal da teoria astrológica. Aí e somente aí se poderá, com razoável probabilidade de sucesso, conceber um método científico para a averiguação dessas pretensões e, colocando em marcha um batalhão de pesquisas concebidas segundo esse método, finalmente julgar a astrologia.

É claro que, mesmo com todos esses cuidados preliminares, as conclusões da astrocaracterologia só serão válidas no tocante à parte das alegações astrológicas que se refere às relações entre fenômenos celestes e o caráter humano, estando excluído deste julgamento tudo quanto a astrologia tenha dito ou possa vir a dizer quanto à relação dos fenômenos celestes com outros aspectos da vida terrestre.

8. Se, a um primeiro exame, reconhecermos como "astrologia" tudo quanto se apresenta com esse nome, o campo de investigação preliminar não terá mais fim. Denominamos

portanto "astrológico" somente aquilo que os profissionais do ramo, por intermédio de suas entidades de classe, reconhecem como tal.

Isto, por um lado, exclui do nosso campo toda a infinidade de conhecimentos ou pseudo conhecimentos aparentados ou afins à astrologia, como a numerologia, a geomancia, etc., muitas vezes freqüentados pelos astrólogos mesmos.

Por outro lado, inclui não só os livros e artigos escritos por astrólogos sobre astrologia, mas também obras que, escritas por outros e sobre outros assuntos, contém elementos importantes de teoria astrológica, reconhecidos como tais pela comunidade astrológica. Assim, por exemplo, são astrológicos no nosso sentido os textos de Jung concernentes à sincronicidade, *os* capítulos que Santo Tomás de Aquino dedicados tema na Suma contra os Gentios e na Suma Teológica, os pareceres de René Guénon, de Raymond Abellio, de Gaston Bachelard, de Lévi-Strauss, de Michel FoucauIt e de uma infinidade de outros autores, habitualmente aceitos pela comunidade astrológica como contribuições importantes para a formulação do problema astrológico ou da teoria astrológica.

O campo inicial já é, assim, vastíssimo. Mesmo no que diz respeito somente aos astrólogos profissionais, a variedade de enfoques, de conceitos, de níveis de abordagem, etc., já é tal, que a tentativa de reduzí-la a uma unidade parece utópica. Astrólogo é, por exemplo, Morin de Villefranche, que crê numa determinação implacável dos atos e caracteres humanos pelos astros, ao ponto de eles fazerem de um homem um asceta ou um homicida. Mas também é astrólogo Dane Rudhyar, segundo o qual os astros, sem nada determinarem positivamente, são apenas sinais colocados no céu, por uma inteligência cósmica ou divina, para neles o homem ir lendo os sinais sugestivos que lhe indicam a via do aperfeiçoamento. É astrólogo ainda Tomás de Aquino, que não crê numa coisa nem noutra, mas numa influência puramente física e pré-humana dos astros sobre a nossa fisiologia, sem alcance determinante nem qualquer significação espiritual direta. Também é astrólogo Jacques Halbronn, que não acredita em nada disso, mas na ação da humanidade histórica que, projetando significações num céu neutro e praticamente inerte, e submetendo-se em seguida aos ritmos, e ciclos do céu assim carregado de intenções, acaba por sofrer a retroação da máquina simbólica por ela mesma criada, a qual, ao longo do tempo, vem a adquirir força eficiente pela condensação dos ritmos e ritos no código genético.

A unidade parece impossível, já mesmo ao nível da simples formulação inicial da natureza do fenômeno astral.

No entanto, essa dificuldade é apenas aparente, pois a diversidade mesma acaba por limitar, pelo contraste e negação recíproca, o campo das teorias que poderiam ser subscritas, como um só corpo unitário de hipóteses, por todos os astrólogos. Pois aqui não se trata de abarcar tudo o que os astrólogos dizem, mas de exc1uir tudo aquilo que, negado por

um ou por muitos astrólogos significativos, arrisque desfazer a unanimidade.

Assim, por exemplo, a sentença "A astrologia o estudo das influências astrais sobre o homem" já estaria excluída da teoria unitária, porque alguns astrólogos importantes dizem que os astros não exercem influência nenhuma (sendo apenas sinais) e porque outros astrólogos se interessam pela influência que os astros possam exercer sobre criaturas não - humanas, como os metais e as plantas.

9. Procedendo assim por distinções, comparações e exclusões, a astrocaracterologia, na primeira fase de suas investigações, chegou a formular as bases da teoria astrológica unitária (em parte real ou histórica, em parte puramente lógica ou ideal). Esta teoria abrange os seguintes capítulos, ou grupos de proposições:

a) Teoria astrológica pura: definição da astrologia e delimitação do seu objeto.

b) Teoria do método astrológico: exigências metodológicas mínimas para que uma astrologia possa vir a ser possível.

c) Teoria astro psicológica: delimitação dos setores da vida psicológica humana onde um estudo astrológico pode tomar-se possível, e exclusão dos impossíveis. Dentre os campos possíveis, destaca-se o estudo do caráter, definido de uma maneira muito especial, diversa da definição que recebe nas várias caracterologias criadas pela psicologia de século XX (Le Senne, Szondi, Jung, etc.).

d) Teoria astrocaracterológica geral: delimitação dos aspectos do caráter humano que podem ser submetidos é uma comparação com os fenômenos celestes (e que compõem o que denominamos astrocaráter) e exclusão dos que não podem.

e) Teoria astrocaracterológica especial: diversificação do astrocaráter, a) segundo as partes ou aspectos que com põem sua estrutura, b) segundo as individualidades humanas, diferenciadas pelas combinações dessas partes ou aspectos.

10. A segunda fase da astrocaracterologia começa quando, formulado e hierarquizado logicamente esse corpo de hipóteses, se propõem métodos, técnicas e estratégias para sua averiguação científica. Mas ainda preciso esclarecer alguma coisa quanto à primeira fase.

11. A teoria astrológica pura propõe as seguintes teses essenciais:

a) A astrologia é o estudo das relações entre fenômenos astronômicos e fenômenos terrestres de qualquer natureza.

A astrocaracterologia demonstra que essa definição é única suficientemente

ampla para abranger todo o campo estudado pelos astrólogos e nada deixar fora dele que seja de interesse dos astrólogos; e revoga todas as outras definições diferentes, demonstrando caso a caso sua inviabilidade Delimita, assim, o objeto material da astrologia.

b) Excluindo a astronomia e as ciências puramente filosóficas (metafísica, lógica), todas as outras ciências dizem respeito aos fenômenos terrestres (quando a física, por exemplo, estuda fenômenos celestes, o faz como auxiliar da astronomia). De outro lado, a astrologia, ao estudar a relação entre fenômenos celestes e terrestres, não os apanha em estado bruto, mas sim desde o ponto em que se encontram então elaborados, de um lado pela astronomia, de outro pela ciência referente ao fenômeno terrestre em.questão (por exemplo, um ciclo histórico, a vida de uma planta ou molusco, o comportamento de um homem, objetos, respectivamente, da História, da Biologia e da Psicologia). Assim, todo estudo astrológico comparar algum conhecimento astronômico a algum outro conhecimento científico. E então chegamos à definição mais profunda e essencial da astrologia, que consiste na seguinte tese:

   Astrologia é astronomia comparada.

   A astrocaracterologia demonstra que é assim em todos os casos e em todas as variedades de astrologia.

c) O objeto da astrologia não é um dado, mas um constructo lógico.

d) Para cada zona de fenômenos terrestres considerada, é preciso especificar esse objeto num novo constructo, que, partindo da consistência ontológica da zona considerada, delimite, nela, o que é passível de comparação com fenômenos celestes, e o que não é. Constituem-se assim, os campos das várias astrologias, ou, dito de outro modo, os vários objetos formais da astrologia em suas diferentes especialidades.

12. A teoria do método astrológico especifica, para cada um desses campos, as respectivas exigências metodológicas, sempre diferentes.

Mas uma exigência metodológica geral pode desde o início ser estabelecida, e que é a seguinte: como todos os fenômenos astronômicos pelos quais se interessa a astrologia ou são cíclicos ou são instantâneos (a figura estática do céu num determinado instante), qualquer fenômeno terrestre só poder ser estudado astrologicamente se for uma destas coisas: ou um ciclo repetível, ou uma estrutura fixa, ou uma relação entre ciclo e estrutura fixa. Tudo o mais está, rigorosamente, excluído do campo da astrologia.

Quando, portanto, um astrólogo propõe que a astrologia se diferencia das ciências de

indução e generalização, por abordar primordialmente o individual e o irrepetível, o que acontece é que essa proposta cai fora da **teoria unitária** e não deve ser considerada essencial ou significativa da astrologia, porque contraria os princípios subentendidos em todo empreendimento astrológico, inclusive o desse mesmo astrólogo em sua prática real, de vez que ciclo é repetição e de vez que toda estrutura fixa se define por claves diferenciais que são comuns a todas as demais estruturas do mesmo gênero; sendo, pois, a astrologia essencialmente uma ciência generalizante e classificatória!mesmo na prática real daqueles que expressamente o negam. .

É bom esclarecer nesse ponto que a unanimidade essencial da teoria unitária não tem de ser uma unanimidade histórica e positiva. Ela não tem de ser subscrita por todos os astrólogos, nem pela maioria deles. Ela expressa apenas aquilo com que todos os astrólogos deveriam concordar, caso tomassem como astrológico tudo aquilo que assim consideramos no item 8 desta exposição e em tirar as conclusões lógicas dos princípios subjacentes a toda prática astrológica, inclusive a sua própria. Se algumas de suas idéias - por vezes as mais queridas - acabam por desmentir esses princípios, esse não é senão um caso particular de uma inconsistência lógica que parece tão freqüente entre os profissionais da área. E, é claro, a teoria unitária, além de captar a unanimidade essencial das idéias astrológicas, também tem de ser lógica - excluindo como inessencial ou como mera idiossincrasia pessoal de um astrólogo concepções que no caibam na sua unidade lógica ideal.

13. A teoria astro psicológica delimita e enumera, no imenso rol dos temas da psicologia contemporânea, aqueles que correspondem à noção de estrutura fixa ou à noção de ciclo. Tudo o mais não é de interesse da astrologia, por mais que teimem os astrólogos em realizar comparações inviáveis e descabidas.

Só para dar um exemplo, nesta parte demonstramos que a noção de "tendência" - tão utilizada pelos astrólogos para dar à sua prática um ar de legitimidade probabilística e subtrai-Ia retoricamente da acusação de determinismo (aliás igualmente retórica) - é totalmente descabida em qualquer estudo astrológico. Isto porque nem estruturas fixas nem ciclos, podem compor-se de tendências. Claro que uma estrutura pode ser origem ou causa de tendências mas o que interessa à astrologia é unicamente o traço fixo por trás da tendência, então esta em si mesma. Por exemplo, se, por seu caráter, um homem tem "tendência" a tornar-se romancista ou repórter, é porque, por trás dessa tendência, existe como característica fixa a inteligência narrativa. A dita tendência é apenas a manifestação externa e meramente probabilística desse traço fixo, e é este o que interessa unicamente à astrologia. Do mesmo modo, se numa determinada fase de I um ciclo um homem "tem tendência" a fazer isto ou aquilo, , a abandonar seu emprego, por exemplo, é porque essa fase do ciclo produziu nele efetivamente certas mudanças internas, que se expressariam nessa tendência ou noutra qualquer. O que interessa é ver, num ciclo, as mudanças

efetivas, em cada fase, e não as "tendências" que delas decorram como mero floreio decorativo. Os traços fixos da estrutura caracterológica e as mudanças efetivas assinaladas nos ciclos constituem o único objeto da astro psicologia, de pleno direito; tudo o mais, sendo contingente, único, singular ou irrepetível, está fora do interesse dessa ciência, por menos que o percebam certos astrólogos, ou mesmo a maioria deles. A unidade da teoria unitária é, repito, uma unidade lógica, não uma opinião majoritária positiva.

14. A teoria astrocaracterológica geral investiga o que pode haver de fixo e imutável na personalidade humana, desde o nascimento. Identifica, na personalidade humana, doze camadas diferentes (doze por constatação empírica, a partir de uma fenomenologia da personalidade, e não por qualquer intuito de simetria numerológica com o Zodíaco), das quais uma e somente uma, que denominamos astrocaráter, pode ser dita fixa e imutável e pode, portanto, ser objeto de comparação com o céu de nascimento, ou horóscopo. As outras onze camadas são: as disposições hereditárias (tendências); os hábitos lingüísticos e padrões de referência adquiridos do meio familiar; a história pulsional e afetiva do indivíduo; suas capacidades e talentos; seus esquemas de adaptação e organização aprendidos; as normas, leis e valores introjetados do meio social; o caráter no sentido de Le Senne (isto é, o conjunto de tendências consolidado e estabilizado no indivíduo adulto); a personalidade intelectual *(personaltà poetica* no sentido de Benedetto Croce); o eu transcendental ou autoconsciência global; o ego histórico, ou consciência do próprio lugar no conjunto da existência humana; o ego espiritual, ou consciência do próprio lugar no quadro do cosmos ou de uma escatologia (absolvição ou condenação no Juízo Final, por exemplo). Todas estas onze caem fora do campo astrocaracterológico. Traços presentes nessas onze camadas só podem ser estudados astrologicamente após e mediante a investigação de suas remotas raízes no astrocaráter. Este estudo se faz por redução das causas prováveis que determinaram o surgimento desse traço em particular; e só quando este surgimento não pode ser explicado por causas imanentes à camada em questão é que recorremos à hipótese de estarmos em presença de um traço astrocaracterológico. A investigação biográfica, para a consecução de tal fim, tem de ser extremamente minuciosa, o que causa sérias dificuldades de ordem prática para a pesquisa, limitando o numero de seus objetos, e requerendo o concurso de muitos pesquisadores; foi instituído um primeiro Curso de Astrocaracterologia**,** cujos alunos são portanto colocados, desde o início, na posição de colaboradores na investigação com todas as responsabilidades inerentes a esta condição. Todos são alertados, desde a primeira aula, para o fato de que irão participar ativamente do parto de uma nova ciência, e de que o sucesso das investigações depende da sua colaboração. O fundador da astrocaracterologia, que subscreve esta exposição, realizou até o momento algumas dezenas desses estudos biográficos, seja de personagens históricos, seja de sujeitos voluntários vivos, e espera que, com a ajuda dos alunos, esse número possa subir para algun1as centenas.

Até o momento, os resultados preliminares permitem suspeitar que a maior parte dos erros dos astrólogos na descrição; de personalidades consiste em que procuram encontrar, no horóscopo, traços pertencentes às onze camadas mencionadas, diretamente e sem a intermediação do astrocaráter; dizendo, por exemplo, que um indivíduo é conservador ou progressista porque tem Saturno ou Urano na Casa IX; o que, sendo um traço da personalidade intelectual (9a camada) não pode ser indicado diretamente por nenhum dado horoscópico. De outro lado, notamos que muitas afirmações escandalosamente errôneas dos astrólogos, na interpretação de horóscopos individuais, se revelam surpreendentemente verdadeiras quando as tomamos como meramente simbólicas (na camada em que se apresentam) e procuramos, como seu "significado" ou sua "intenção profunda" (e mesmo inconsciente, da parte do astrólogo), o traço astrocaracterológico que lhe correspondia, fazendo as devidas transposições de camada a camada. Este é o caso de uma verdade obscuramente dita que passa por mentira (às vezes aos olhos do próprio astrólogo, que nutre uma inconfessada suspeita de estar enganado em tudo quanto diz, o que toma a profissão particularmente neurotizante.

15. O conceito de astrocaráter visa, em última análise, a fixar, na constelação total da personalidade humana, qual o nível próprio da comparação com o horóscopo (ou, se quiserem, desde um ponto de vista objetivante: qual o nível em que pode intervir uma causalidade astral).

O astrocaráter compõe-se apenas e exclusivamente de um padrão atencional e cognitivo, que permanece fixo por toda a vida, que atravessa imune todas as mudanças evolutivas ou involutivas do indivíduo, sendo compatível com todas.

De outro lado ele é um tipo e não uma individualidade; e não tem, por isto, nada a ver com uma suposta essência pessoal misteriosa, cuja cristalização simbólica muitos astrólogos procuram enxergar num horóscopo. A astrocaracterologia estabelece uma distinção muito rígida entre astrocaráter e personalidade, frisando que, desde um mesmo astrocaráter, podem-se desenvolver muitas personalidades diferentes, conforme a interferência de outros fatores, endógenos (como as tendências hereditárias) ou exógenos (valores morais aprendidos, por exemplo). Para o estudo de cada caso é necessário isolar cuidadosamente os fatores pessoais dos fatores astrocaracterológicos.

16. O astrocaráter é descrito segundo uma diferenciação da potência cognitiva em seis faculdades (no sentido escolástico do termo) em doze direções da atenção ou doze categorias sob as quais a experiência vivida pode ser enfocada. Tal como ocorre nas categorias lógicas, onde um mesmo objeto existe efetivamente sob várias categorias, na medida em que é algo (substância), mede, pesa ou conta-se (quantidade), está dentro, fora, acima de outro (relação), etc. etc., do mesmo modo as doze direções da atenção se incluem umas às outras, assim como, de diversas pessoas colocadas numa sala em várias

posições cada uma pode, ou olhar a cena desde sua própria posição, ou imaginá-la tal como vista por outra pessoa, ou concebê-la como vista desde cima por um olhar abrangente, ou articular num jogo complexo de perspectivas as visões subjetivas das várias pessoas envolvidas, etc.

As doze direções da atenção relacionam-se entre si por uma dialética de implicação e complementaridade, tal como aquela que Benedetto Croce, em sua *Logica come Scieneza del Concetto Puro,* propõe existir entre os conceitos universais.

As seis faculdades cognitivas correspondem a seis planetas do setenário tradicional (Mercúrio excluído, por jamais se afastar muito do Sol, e colocar dificuldades, portanto, para a diferenciação individual), e as doze direções às doze casas da astrologia tradicional. Apenas, para a colocação efetiva dos planetas nas casas, levamos em conta o deslocamento constatado por Michel Gauquelin, no sentido de que um planeta angular nascente (decisivo para a interpretação do tema) pode estar colocado não na casa I astronômica, e sim quase no meio da Casa XII, ou mais adiante ainda. Esse deslocamento levado em conta, um planeta colocado na "zona Gauquelin" da Casa XII estará, astrocaracterologicamente, no horizonte e, portanto, na Casa I. Há um critério matemático para essa correção, que é dado no Curso e fundado num raciocínio probabilístico. A astrocaracterologia admite ainda que haja posições indecisas, e estes casos são afastados.

17. As faculdades cognitivas e suas correspondências planetárias são as seguintes:

1. Sol = Intuição ou apreensão imediata da forma dos dados sensíveis internos e externos.

2. Lua = Sentimento ou variação do tônus interno por variação da energia externa ou interna.

3. Vênus = Fantasia ou capacidade plástica geradora de imagens independentemente da presença atual dos objetos respectivos. Como diziam os escolásticos, pode ser memorativa ou imaginativa.

4. Marte = Antecipação, conjetura ou ainda Vontade Reativa: cognição instintiva do potencial de ação e transformação irrlii1entes de uma dada situação (corresponde ao que os escolásticos chamavam estimativa).

5. Júpiter = Vontade Pura ou Sinergia: conhecimento de si como fator causal e criativo; sinergia de todos os níveis da personalidade na consecução de um ato ou na tomada de decisão livremente assumida; conhecimento da própria liberdade de agir onde si mesmo como causa.

6. Saturno = Razão: síntese representativa da totalidade essencial da experiência num

quadro coerente (ou tomado como tal) resíduo final das generalizações obtidas por experiencia.

Essas seis funções aproximam-se umas das outras por um parentesco espontâneo, agrupando-se em pares:

Inteligência: intuitiva e racional: Sol e Saturno.
Vontade: Pura e Reativa: Júpiter e Marte.
Afetividade: Sentimento e Fantasia: Vênus e Lua.

Há outras relações entre duplas, mas não interessam no momento.

18. As doze direções da atenção são as seguintes:

a) Auto-imagem corporal direta.

b) Mundo sensível.

c) Linguagem, significação, analogia.

d) Desejo e frustração.

e) Capacidade e forças atuais.

f) Esquema de distribuição habitual de energias.

g) Auto-imagem reflexa (o que só posso saber de mim pela reação alheia).

h) Ação e reação iminentes.

i) Crenças formalmente admitidas.

j) Lugar na hierarquia social

k) Lugar no tempo histórico; plano de vida,

l) Tudo o que escapa ao meu horizonte, e que não obstante, sei que existe fora do meu "espaço vital" (no sentido de Kurt Levin).

19. Cada faculdade tem seu correlato objetivo, ou objeto próprio. Por exemplo:

a) A intuição capta presença real e singularidade. Tudo o que estiver na direção assinalada pelo Sol é apreendido pelo indivíduo como dado imediato, real, inquestionável. A intuição é; pois, o princípio de seleção dos dados. Por exemplo, para o indivíduo com Sol na Casa III as analogias e significações que de um objeto remetem a outro são tão "reais" e imediatas como, para o que tem Sol na II, o são as

formas, cores, pesos e sabores dos objetos materiais em torno, ou, para o indivíduo com o Sol na VIII, é "real", como um dado, a iminência do que está para acontecer. Todos os indivíduos, é claro, acabam por tomar conhecimento tio que se passa nas doze direções, porém, não intuitivamente, e sim por dedução, indução, analogia, etc. A intuição, como captação de um dado enquanto realidade imediata,só opera numa. Direção. Nas outras, tem de ser complementada pela intervenção das demais faculdades.

b) A razão capta a importância hierárquica dos dados num quadro de referência preexistente. É, portanto, o princípio da generalização (seleção e generalização no sentido de Piaget). Portanto, é na direção indicada por Saturno que o indivíduo captar os dados que, a longo prazo, lhe parecerão mais importantes e de mais longas conseqüências. Um evento captado na direção do Sol é apenas um dado, intensamente real no momento, mas que pode passar sem conseqüências; na direção de Saturno, é fixado como matriz de generalizações. Eventos ocorridos nessa direção são encarados sempre do mesmo modo e corno confirmações de crenças anteriormente estabelecidas. Nesta casa ocorrem os "eventos primais", na terminologia de A. Janov (ou antes não é bem ali que ocorrem objetivamente, mas é ali que o indivíduo sedimenta suas conclusões e, no caso de um evento traumático, é ali que se consolida a reação ao trauma).

20. Como se faz a transposição desde o nível (errôneo em geral) das interpretações correntes em astrologia, ao nível astrocaracterológico que as repõe na devida perspectiva?

Suponhamos um horóscopo com Saturno na Casa X. Um astrólogo dirá: trata-se de um indivíduo com sede de poder. Outro: Ele teme as responsabilidades. Outro: Ele tem conflitos com a autoridade. Outro: Ele se preocupa com a História e a Política.

Astrocaracterologicamente, a sede de poder está ligada à Camada 5 (capacidades e forças atualmente conhecidas pelo indivíduo); o temor à responsabilidade, à Camada 4 (desejo e, por reverso, temor); os conflitos coma autoridade, à Camada 7 (valores do meio); a preocupação com a História, à Camada 9 (personalidade intelectual). Nada disto pode ser objeto de estudo astrológico direto. Assim, todas essas interpretações podem ser indiferentemente verdadeiras ou falsas, pois o horóscopo, em si, nada tem a ver com a camada da personalidade na qual um traço de caráter há de ressoar; a camada é decidida por fatores extra-astrológicos, pessoais ou mesmo acidentais.

Hitler, MarceI Proust, Albert Camus e Woodrow Wilson tinham, todos, Saturno na X. *O* primeiro teve sede de poder; o segundo, temor das responsabilidades; o terceiro, conflitos com a autoridade; o quarto, um interesse profundo nos estudos históricos. Porém Proust não tinha sede de poder, nem Hitler temia as responsabilidades, nem Wilson teve conflitos com a autoridade, nem Camus foi um grande historiador.

Haverá entre todas interpretações um fundo comum, que restitua algo de veracidade a todas essas meias-verdades que são meias mentiras?

A interpretação astrocaracterológica de Saturno na Casa X, que se refere exclusivamente ao traço cognitivo que lhe corresponde (e não às conseqüências emocionais, biográficas, etc. em que tanto se comprazem os astrólogos) é a seguinte:

Saturno na X - Inteligência racional de tipo sociológico. As experiências pessoais que fundaram, para este indivíduo, a base das generalizações mais importantes e duradouras, deram-se na direção da Casa X, isto é, referiram-se (para ele, e na sua avaliação subjetiva do momento) à hierarquia do poder social. e às suas relações pessoais com esse poder. Sua imagem do mundo e do seu próprio destino deriva diretamente de experiências ante o poderio social, das quais ele tira conclusões que se estendem depois a todo o orbe da sua experiência pessoal.

Isto é válido para Hitler, Proust, Camus e Wilson igualmente. Em cada um deles a visão geral do mundo deriva diretamente de experiências que lhes revelaram, desde cedo, a *polis* com a sua complexidade de classes e hierarquias, normas, leis, regulamentos e conflitos.

Do mesmo modo, com Saturno na II, as experiências dê base se refeririam ao mundo físico, na III à linguagem (por exemplo, verdade e mentira), na IV à gratificação e à frustração dos desejos, e assim por diante. Como cada uma das casas representa uma categoria magna da experiência humana, facilmente experiências vividas numa delas podem servir de base a generalizações que se estendem a todo um mundo, e que determinam a visão que o indivíduo terá, em seguidas das outras direções ou casas. Por essa mesma razão, nenhuma posição planetária representa, em si mesma, uma limitação cognitiva, a longo prazo, embora o represente temporariamente. Partindo de urna experiência estreita, e de generalizações mal embasadas, um indivíduo poderá depois, quer pela constante autocorreção do pensamento racional, quer pelo apoio das demais faculdades, corrigir essas generalizações e, artificialmente, ir ampliando sua visão do mundo. Mas os dados iniciais que fundaram as primeiras generalizações estarão sempre presentes, corno origem superada mas não revogada - de uma imagem do mundo.

21. A astrocaracterologia desenvolveu uma série de estratégias de verificação, mas sobretudo utiliza um método comparativo e biográfico (acompanhado de análise estilística quando o sujeito estudado tem obras escritas). Esta segunda fase;será descrita numa exposição posterior.

Ao encerrar o presente resumo, é preciso deixar claro que o intuito da astrocaracterologia é preparar uma verificação e um julgamento conclusivos das pretensões da astrologia clássica e contemporânea; que essa preparação é de índole sobretudo fenomenológica,

redutiva e descritiva, e não explicativa. A explicação causal do fenômeno astral é de interesse da astrologia pura ou teoria astrológica pura, e não da astrocaracterologia em especial. Os procedimentos da astrocaracterologia são independentes de qual seja a causa do fenômeno astral e, portanto, a astrocaracterologia não entra nesse terreno, no qual se debatem hoje as grandes teorias explicativas de Percy Seymour, Daniel Verney, Jacques Halbronn e tantos outros notáveis investigadores. A astrocaracterologia adota como sua a divisa de Ortega y Gasset: *Que otros hagan su más, que yo hago mi menos*.

Astrologia: Ciência e Ilusão

Plano da Exposição

1. O objetivo do curso: formular os requisitos para que a astrologia se tome uma ciência no sentido rigoroso do termo.

2. Conceito de ciência - Saber sistemático e fundamentado. Sistemático: estruturado de modo que as partes se exijam e se apóiem. Fundamentado: que satisfaça às exigências da crítica racional; se possível, plenamente demonstrativo e evidente; no mínimo, apoiado numa demonstração suficiente.

a) demonstração lógico-analítica;

b) demonstração geométrica;

c) indução;

d) prova dialética.

3. Primeiro requisito: demonstração da necessidade (legitimidade) da nova ciência; portanto, sua definição, que exige:

a) designação do seu objeto material;

b) designação do seu objeto formal;

    1. Formal-motivo;

    2. Formal-terminativo.

4. Definição de astrologia: é a ciência que estuda as correlações entre as configurações celestes e os eventos terrestres (naturais e humanos).

5. Definição de fato astrológico: a existência comprovada de uma correlação QUALQUER entre uma configuração celeste determinada e um evento terrestre - ou conjunto de eventos - determinado.

a) Exemplos de fatos astrológicos:

    1. A correlação entre configurações astrais no nascimento dos indivíduos e a sua escolha de profissão; esta correlação foi estabelecida estatisticamente por M. GAUQDELIN. .

2. A correlação entre configurações celestes (particular-mente conjunções planetárias) e o comportamento químico de metais em estado coloidal; estabelecida por KOLISKO.

b) Importância do fato astrológico:

1. A correlação entre eventos celestes e terrestres, enquanto tal, não atualmente objeto de nenhuma ciência; a comprovação de sua existência estabelece portanto um objeto material que por si só justifica suficientemente a reivindicação de uma ciência particular e distinta para estudá-lo; esta ciência é a astrologia.

2. Muitos astrólogos parecem crer, que a simples comprovação laboratorial ou estatística, do fato astrológico, basta para dar um caráter científico à astrologia. Ingenuidade (ou talvez esperteza demais). A simples comprovação da existência de seres vivos basta para fundamentar os métodos da biologia e legitimar todos os seus resultados? Essa pretensão descomedida desqualifica os astrólogos perante o juízo científico maduro.

3. O objeto material comprovado justifica a legitimidade de uma nova ciência, mas não - ainda - os seus métodos nem os seus resultados.

6. Esclarecimento sobre a profissão de astrólogo – A questão da legitimidade da astrologia enquanto ciência não se confunde com a da sua legitimidade enquanto profissão. A legitimidade de uma profissão independe de seu caráter científico ou não-científico, e os astrólogos agem contra seu próprio interesse ao alegarem a cientificidade da astrologia como argumento em favor da profissão. O direito à profissão não tem de satisfazer a uma prova tão dura; ou acaso todas as profissões legítimas são científicas? A exigência é desnecessária.

7. Primeira conseqüência da definição de astrologia - A astrologia parte de dados astronômicos (configuração celeste) e os compara com eventos terrestres. Portanto é sempre uma ciência comparativa. Nessa comparação um dos elementos - a astronomia - permanece constante, enquanto o outro - os eventos terrestres – são em multidão indefinida, o que exige uma seleção em cada caso. Astrologia é sempre astronomia comparada com alguma coisa.

8. Segunda conseqüência – Como os eventos terrestres são em multidão indefinida, sua divisão em compartimentos coincide com a divisão das seções do saber, isto é, com o sistema das ciências. A astrologia não compara a configuração celeste com os fatos terrestres indefinidos e brutos, mas com os fatos terrestres já distintos, formalizados e organizados por alguma ciência. Por exemplo, o estudo da relação entre os astros e o caráter humano é astronomia comparada à psicologia (o próprio conceito de caráter já é uma elaboração da psicologia); o estudo da relação entre os astros e os eventos políticos é uma comparação entre astronomia e história, ou ciência política, ou sociologia, dependendo de esquemas e conceitos

já prontos nestas ciências. Este ponto, de fundamental importância, parece ter escapado a todos os teóricos da astrologia: a astrologia não estuda fatos brutos, mas compara esquemas conceituais prontos. É necessariamente - não no seu objeto material, mas no seu objeto formal-motivo - uma ciência de segunda potência, uma ciência da ciência, donde ressalta a necessidade de delimitar artificialmente (logicamente) o seu objeto e campo.

9. Terceira conseqüência - Tantas quantas forem as divisões do ser e do saber que a astrologia compara com os dados astronômicos, tal será a extensão da necessária e inevitável variedade de métodos dessa ciência. Para cada tipo de evento comparado, há um método. A astrologia é um ponto de vista astronômico lançado sobre cada ciência em particular, diversificando-se segundo os objetos e métodos das várias ciências.

10. Quarta Conseqüência. - A questão do sistema das ciências, da organização do saber, interessa diretamente à constituição científica da astrologia, que dela depende para poder delimitar suas próprias subdivisões internas. Astrologia e epistemologia são, inevitavelmente, irmãs siamesas.

Obs.- Não foi à toa que, em diversas épocas e lugares, o modelo astrológico das esferas planetárias e dos signos serviu de padrão para a estruturação do sistema das ciências, subdividida e hierarquizado segundo as afinidades planetárias ("signaturas") dos vários tipos e graus do saber. Cf., por exemplo, o sistema planetário das Artes Liberais (uma exposição sumária se encontra no Convívio de Dante Alighieri), ou o das ciências religiosas no sufismo de Mohieddin lbn'Arabi (na Alquimia da Felicidade Perfeita). Estas correspondências parecem ultrapassar a esfera da simples analogia de atribuição extrínseca (metáfora) e penetrar no campo das homologias estruturais rigorosas entre a esquemática cognitiva humana e a "forma do céu". Platão chegava a dizer que os movimentos dos astros no céu são o padrão por excelência da organização da inteligência, que por eles deve regrar-se. Este é um dos aspectos mais elevados e difíceis da questão astrológica; já o tendo estudado em outras ocasiões (p.ex. em Astros e Símbolos, Cap. II), no presente curso não há tempo de falar mais a respeito.

11. Ciência não é apenas coleção de fatos, nem mesmo organização de fatos, mas hierarquização explicativa (em certos casos, somente interpretativa, mas visando sempre a uma explicação futura), Delimitado o objeto e o âmbito, a astrologia propriamente dita começa com a formulação da teoria astrológica, isto é, do sistema de hipóteses explicativas do fato astrológico. A teoria tem de ser ao mesmo tempo:

a) geral- teoria geral das correspondências entre configurações celestes e eventos terrestres tomados na sua totalidade.

b) especial - discernindo as várias correspondências, conforme se diversifiquem nos vários campos do evento terrestre (daí a interferência da epistemologia).

c) particular - discernindo as condições dessa correspondência para cada ente singular a ser estudado.

12. Teorias gerais da correlação astrológica. - Ao longo da história, surgiram muitas teorias para explicar a correlação entre eventos celestes e terrestres. Vou agrupá-las provisoriamente, segundo três linhas básicas:

a) Teoria causal - Defendida primorosamente por Santo Tomás de Aquino (v. meu curso A Astrologia segundo Santo Tomás de Aquino).

b) Teoria da interdependência universal. – Encontra-se, por exemplo nos escritos de Plotino, de Jacoh Boehme e outros esoteristas. Partindo da idéia do universo como um todo vivente, único, autoconsciente, estabelece elos e correspondências entre todos os níveis e fenômenos da manifestação universal através de uma rede mantida pelas 'leis de analogia, simpatia, contraste, etc. Explicação sutilíssima, e que depende de pressupostos metafísicos.

NB - Estas duas teorias não se excluem, mas se complementam. Apenas a teoria da interdependência se detém ao nível das correspondências universais, ao passo que Santo Tomás pretende avançar um passo na linha explicativa.

c) Teoria do sincronismo - Defendida, sob diversas cores e formas por M. Gauquelin, por C.G. Jung, pelos cosmobiologistas soviéticos, etc.

13. Nota sobre a teoria causal. -Admite os movimentos celestes como causa dos eventos terrestres. A versão clássica de Santo Tomás, distingue-se por:

a) estabelecer o caráter físico da influência astral;

b) deter-se ao nível da causa formal dos eventos terrestres, sem determinar a causa eficiente.

Há outras versões da mesma teoria, procurando determinar a causa eficiente, sobretudo na ordem física. Destas teorias, podemos destacar:

a) teoria energética ou das radiações astrais: foi defendida, por exemplo, pelo físico argentino Lívio Vinardi (que depois a colocou a perder ao misturá-la a considerações ocultistas absolutamente despropositadas, o que em nada empana o brilho de suas investigações iniciais).

b) teoria gravitacional, contra a qual pesam graves objeções da ciência física.

c) teoria simpatética, que afirma a influência - ainda energética - dos astros sobre os minerais, e particularmente os metais. Defendida por Steiner com base em Kolisko,

mas misturada a razões extraídas da teoria da interdependência.

d) teoria da ressonância magnética de P. Seymour.

14. Nota sobre a teoria da interdependência – Subdivide-se numa multidão de espécies, das quais destacarei:

a) teoria clássica de Plotino, fundada nos princípios da cosmologia gnóstica, a ser portanto reestudada. Afirma a interdependência como lei cósmica objetiva.

b) teoria da interação cosmo-civilização. Afirma a insuficiência dos movimentos astrais como causas, e requer a sua complementação pelos atos humanos, através dos ritos e da cronologia rigorosa dos atos sociais, que acompanham harmonicamente os movimentos celestes, sublinhando-os e orientando-os de modo que adquiram uma força causal dirigida. Esta teoria foi aceita por toda a cultura chinesa antiga. Atualmente é defendida por Jacques Halbronn.

c) teoria da homologia estrutural. Sem fazer de interdependência uma lei cósmica total e objetiva, afirma a homologia entre a visão total humana do céu e a estrutura total da cultura (e portanto da psique individual); e, em função desta homologia, a possibilidade de uma ação causal segunda e derivada, e também de na explicação astrológica de alguns atos e situações humanas. Foi defendida por Gastron Bachelard e Lévi-Strauss. Coincide com algumas partes da teoria de Halbronn.

NB - Estas três teorias também não se excluem necessariamente; seus níveis de abordagens são muito diferentes entre si, e não é impossível um fundo de complementaridade.

15. Nota sobre a teoria do sincronismo - Tem duas versões principais, que são:

1. A teoria dos relógios cósmicos (Gauquelin), que afirma simplesmente a existência de ciclos e ritmos. em toda a natureza, e a possibilidade de sua comparação, e portanto de previsões. Esta teoria é hoje correntemente aceita em biologia e tem aplicações médicas já difundidas.

2. A sincronicidade junguiana, que afirma a existência de coincidências temporais não-causais, mas psiquicamente significativas, isto é, indicativas, para o indivíduo, de seu estado psíquico, e interpretáveis segundo as leis gerais do simbolismo.

16. Avaliação crítica. - A meu ver, todas essas teorias são insuficientes:

a) A teoria causal clássica de S. Tomás de Aquino demonstra, pelos princípios da física aristotélica, que os movimentos astrais são causa formal (ou modelo) dos movimentos

dos entes terrestres, mas, como já disse, não aponta a causa eficiente. Ora, a causa formal é de ordem metafísica, e cientificamente não basta.

b) A teoria causal física energética carece de maiores observações e medições que a comprovem; o método empregado por Vinardi - kirliangrafia comparativa conforme várias situações celestes - não basta.

c) A teoria causal física gravitacional parece improvável segundo os atuais conhecimentos físicos.

d) A teoria causal física simpatética apóia-se na constatação de um fato (Kolisko), mas um fato não é uma explicação e, na parte explicativa, esta teoria acaba recorrendo à idéia da interdependência.

e) A teoria da interdependência é, na verdade, o edifício total de uma cosmologia filosófica. Podemos aceitá-la, mas ela também nos deixa na mão quanto ao problema da causa eficiente. Ademais, seu princípio explicativo básico – a lei de analogia - tem mais força heurística do que explicativa. Ajuda a compreender talvez a natureza da correspondência astrológica - compreendida como um elo na "Grande Cadeia do Ser" - mas não propriamente a causa dos fenômenos concretos. A versão "chinesa" desta teoria, no entanto, oferece um imenso campo à investigação, particularmente da astrologia histórica, e até mesmo à experimentação, já que o "diálogo" céu-terra admite uma margem grande para a iniciativa humana e para a observação dos resultados.

f) A teoria do sincronismo, em suas duas versões, não é uma teoria de maneira alguma, nem muito menos explicativa: é a simples denominação de um fato, e mesmo de um fato particular (a existência de ritmos e de coincidências temporais) que é apenas um aspecto ou parte do fenômeno total da correspondência astrológica, que não poderia portanto ser explicado por ela. Isto não diminui em nada a importância e o valor dos estudos sobre o sincronismo, apenas nega seu valor explicativo sobre o conjunto do fenômeno astrológico.

g) Até o momento, a teoria mais consistente parece ser a de Seymour sobre a ressonância magnética.

17. Nota sobre a comprovação do fato astrológico. Talvez eu devesse ter dito lá atrás que a simples comprovação da existência do fato astrológico também requer uma teoria astrológica, que no caso se reduz à formulação de um método científico de averiguação conforme o âmbito do fato estudado.

18. Teoria astrológica global. – Envolve portanto os seguintes aspectos:

1. Definição da astrologia.

2. Definição de seus vários campos e métodos.
3. Teoria comprobatória da existência do fato astrológico
4. Teoria explicativa geral:
   4.1. Natureza do fato astrológico.
   4.2. Explicação causal geral. Por exemplo:
      4.2.1. causal pura.(clássica)
         a. geral
         b. física
      4.2.2. Interdependência.
      4.2.3. Outras teorias possíveis.
5. Métodos de comprovação das várias teorias.
6. Teoria explicativa especial e particular.
7. Métodos de comprovação destas últimas.

19. Situação atual da astrologia. - Assim, após alguns milênios de existência, a astrologia está hoje na seguinte situação:

a) Possui um imenso patrimônio de conhecimentos e observações empíricas, cujo valor, na ausência de uma teoria, é impossível aquilatar.

b) Possui igualmente um patrimônio considerável de sugestões de ordem simbólica, que constituem possibilidades e de conhecimento, até agora impossíveis de efetivar.

c) Possui um objeto material definido, portanto uma razão suficiente para existir corno ciência.

d) Não possui um mapeamento claro e suficiente do próprio campo.

e) Não possui nenhuma teoria explicativa geral suficiente, mas várias hipóteses a discutir.

20. Condições para uma ciência astrológica. - As condições para que a astrologia possa a justo título aspirar à dignidade de ciência consistem, simplesmente, no mapeamento ordenado dessas dificuldades e na projeção dos meios de resolvê-las sistematicamente. Uma ciência não se toma ciência pela qualidade ou quantidade dos seus resultados que possam ser considerados de valor duradouro, mas pela cientificidade dos seus métodos e procedimentos. A astrologia, ao contrário, tem muitos resultados que, empiricamente, se confirmam valorosos, mas que, não tendo sido obtidos por meios racionais sistemáticos, não oferecem nenhuma garantia científica quanto à continuidade dos mesmos procedimentos.

21. Necessidade de fazer progredir esse estudo - comparemos com a evolução da geografia como ciência. Entre os séculos XI e.XV, a Europa que até então era um punhado caótico de povos separados, unificou-se definitivamente sob a égide da Igreja e sob a pressão da ameaça árabe. Os conhecimentos geográficos dessa época eram amplamente conjeturais e míticos.

Uma vez unificada a Europa como um todo autoconsciente, tiveram início as grandes navegações que, coma ampliação do espaço geográfico, trouxeram aos europeus uma nova consciência de sua posição na Terra e na história, disto resultando, após alguns século.s, a consolidação da geografia como ciência. No mundo atual, assistimos a uma unificação planetária da civilização, com o confronto e amálgama de inúmeras culturas. Daí surge uma nova consciência da humanidade enquanto espécie única e submetida a um destino comum. Nesse instante têm início as viagens espaciais e uma nova sondagem do cosmos: é previsível que, doravante, o conhecimento científico progrida no sentido de uma consciência mais precisa do lugar do homem no cosmos total e das suas interações com o meio celeste. Ora, este tema é essencialmente astrológico, e é o tema necessário dos desenvolvimentos científicos num futuro já visível. Se os astrólogos mesmos não empreenderem seriamente a constituição da astrologia como ciência, outros o farão, tomando das mãos deles um patrimônio que só souberam explorar em busca de vantagem pessoal _ dinheiro, fama ou auto-satisfação psicológica - mas que não souberam fazer progredir, e do qual se tornaram indignos. Se a astrologia ainda não desfruta do estatuto de ciência, seu tema é, no entanto, dos mais elevados e dignos, e o momento histórico exige dos astrólogos esta tomada de consciência. Pessoalmente, encontro-me bastante irritado com a superficialidade dos debates astrológicos, com sua falta de exigência intelectual e científica e com a concentração dos esforço numa espécie de autocomprovação lisonjeira e irresponsável, quando não em especulações ocultistas sem fundamento, a serviço de organizações que vivem da exploração da ignorância humana. Parece duvidoso que nessa atmosfera um esforço científico real possa. prevalecer, mas é obrigatório tentar.

22. Observações quanto à astrologia psicológica. - O domínio psicológico individual parece ser ainda o de maior interesse entre os astrólogos. Ele requer uma teoria especial, além da teoria geral. Esbocei algo dessa teoria geral no meu curso Astrologia e Caracterologia, ao qual remeto o interessado. Resumindo, essa teoria especial deveria resolver pelo menos os seguintes problemas:

a) Fundamento teórico da correlação entre planetas e faculdades cognitivas.

b) Dificuldade e necessidade de isolar as "influências" de cada planeta e considerá-las separadamente.

c) Caráter indireto da leitura dos horóscopos individuais (através dos valores e significados vigentes na cultura social).

As Camadas da Personalidade
(texto e comentários orais)

Parte I - Preliminares

1. "O conceito de personalidade abarca duas idéias diferentes: a da integração mais ou menos perfeita - ela é o conjunto ou o sistema de tudo o que há em mim - e a de individualidade: a forma que em mim assumem os elementos que em mim figuram me pertence propriamente e me distingue dos outros" (Gaston Berger, *Caractèe et Personnalité,* Paris, PUF, 1954, p. 2).

2. Definições de personalidade:

H. Piéron: "A personalidade representa essencialmente... a unidade integrativa de um homem, com todo o conjunto de suas características diferenciais permanentes (inteligência, caráter, temperamento, constituição) e suas modalidades próprias de comportamento" *(Vocabulaire de Ia Psychologie,* p. 210).

W. Sheldon: "A organização dinâmica dos aspectos cognitivos, afetivos, cognitivos, fisiológicos e morfológicos do indivíduo" (cit. por Piéron, id.,ibid.).

3. Em vista de tais definições, Berger observa que "a psicologia geral isola por abstração um certo número de funções: memória, percepção, imaginação, etc. O estudo da personalidade, ao contrário, uma investigação concreta que se empenha em compreender como todas as funções operam juntas e reagem umas sobre as outras, num homem determinado, ou em tal ou qual categoria de homens" (op. cit., p. 3).

4. Sendo assim, o estudo da personalidade deve partir das diferentes funções isoladas pela psicologia geral e reuni-las gradativamente em diferentes níveis e camadas - correspondentes. aos vários graus de menor a maior integração da personalidade (pois é evidente que o grau de individualidade cresce junto com o de integração, com o que caminhamos dos elementos ao todo, do impessoal ao pessoal), destacando, em cada um, os diversos esquemas e modalidades da interação dessas funções, cuja totalidade hierarquizada e funcional se chama, precisamente, personalidade.

A título provisório, fornecerei aqui uma divisão possível dessas camadas, que deveriam ser abarcadas em seu conjunto num estudo descritivo completo de uma personalidade individual qualquer.

5. O aluno reparará facilmente na disposição zodiacal deste arranjo, mas advirto que isto resulta de uma aplicação casual das categorias zodiacais à descrição de personalidade

humana; mas a estrutura do Zodíaco serve aqui corno recurso heurístico e mnemônico, e o esquema duodenário resultante não deve, portanto, ser interpretado precipitadamente como urna proposta teórica formal para a descrição dos fatos, empiricamente constatados; seu valor é sugestivo, nada mais.

6. Destaco, ainda, que cada urna das camadas que assinalo recebeu particular atenção de determinadas escolas e correntes da psicologia contemporânea, das quais cito algumas entre parênteses, a título de mero exemplo e malgrado as enormes diferenças que as separam umas das outras. Mas esta simples enumeração já evidenciará de imediato ao aluno que a descrição completa de urna personalidade individual requereria o concurso e a colaboração de muitos métodos, às vezes erroneamente tidos por antagônicos. A conceituação mais extensa de cada uma dessas camadas será dada oralmente, em classe.

Parte II - Enumeração das camadas

1. Caráter (no sentido astrocaracterológico do termo).

2. Hereditariedade, constituição, temperamento, estrutura pulsional (Wilson; Sheldon, Kretschmer, tipologia em geral; Szondi).

3. Cognição e percepção, sua estrutura e desenvolvimento (behaviorismo; Piéron Piaget; Kohler e a Gestalt em geral; Festinger; psicologia da linguagem).

4. História pulsional e afetiva (Freud, Klein, psicanálise em geral).

5. Ego, autoconsciência e individuação (Jung).

6. Aptidão e vocação (Ungricht; Cirill Burt; Eysenck).

7. Situações e papéis sociais (Adler; Horney e a escola culturalista em geral; psicologia da comunicação).

8. Síntese individual provisória, em cada etapa de desenvolvimento, isto é, "perfil caracterológico" no sentido da escola de Le Senne e Berger.

9. Personalidade intelectual superior; gênio, criação artística, estilo, etc.; "personalidade poética" no sentido de Croce, em oposição à "personalidade empírica" (Pradines; Bergson; Koestler; heurística).

10. Eu transcendental, pessoa, responsabilidade moral, livre-arbítrio, etc. (Kant,Husserl, Berdiaeff, Gusdorf, Caruso).

11. Personagem - no sentido estrito em que este termo é usado em astrocaracterologia: o indivíduo perante a História, a civilização, a humanidade (Dilthey, Weber, Wallon).

12. Destino final: o indivíduo perante Deus, o sentido e o valor da vida, etc. (psicologias místicas tradicionais; Paul Diel, Viktor Frankl).

Parte III - Observações

7. Além dessas camadas, pode-se admitir a existência de faixas sub-humanas, constituídas de puras reações químicas (feromonas, por exemplo), ou de automatismos maquínicos variados. Norma1mente a operação destas faixas está absorvida pelas faixas superiores, de modo que sua importância no conjunto fica reduzida. Porém, em determinadas situações, o sub-humano pode assumir um papel relevante e até decisivo como causado comportamento, absorvendo a personalidade verdadeira. A importância e freqüência crescente de tais fenômenos na sociedade de hoje levou alguns psicólogos a colocarem esta faixa no topo e no centro de suas concepções psicológicas, o que é, evidentemente, uma confusão entre psicologia e psicopatologia. A bibliografia sobre este indigesto assunto é vasta, vai de Gurdjieff e Guénon até os estudos recentes de Deleuze e Guattari sobre o "inconsciente maquínico", de Conway a Siegalman sobre o fenômeno do *snapping,* de Sargant sobre a "possessão da mente", até a programação neurolinguística. Estas faixas, porém, nas quais o que é propriamente humano se dissolve nas remotas raízes que o ligam ao animal à planta, ao mineral e até ao infra-natural estão, por isto mesmo, rigidamente fora do âmbito da caracterologia.

8. O aluno deve ter notado que as camadas que descrevi podem ser enfocadas quer como uma sucessão de âmbitos que a personalidade, em seu desenvolvimento, vai progressivamente abarcando, quer como coexistentes num dado , momento dessa evolução.

9. Deve também procurar notar que algumas delas representam momentos e aspectos integrativos, que cristalizam a personalidade num equilíbrio total ao menos provisório, ao passo que outras representam divisões a rupturas que abrem a personalidade a novos desenvolvimentos, às vezes por meio de agudas crises; vamos chamá-las, respectivamente, e provisoriamente, de camadas integrativas (que "fecham" a personalidade num quadro definido) a divisivas que a abrem para o ingresso de influências externas, rompendo o equilíbrio anterior e desencadeando a luta por uma nova e superior integração.

São integrativas as camadas: 1, 2, 5, 6, 8, 11. São divisivas: 3, 4, 7, 9, 10, 12. Veremos por que, durante as explicações orais. O estudo dos dois tipos de camadas requer métodos opostos.

10. Finalmente, o aluno deve estar atento para o fato de que, até a camada 8, todas estão presentes em todo indivíduo adulto normal; ao passo que as seguintes de 9 a 12 - - representam desenvolvimentos que, se numas personalidades se manifestam plenamente, noutras permanecem em estado germinal ou latente ou são totalmente sufocadas. A "personalidade", como se vê, é um fenômeno que transcende os limites do estritamente "psicológico" - no sentido acadêmico e especializado do termo- e se ramifica na História, na

Antropologia, na Religião, etc., cujas contribuições uma psicologia da personalidade deve absorver, sob pena de mutilar seu objeto.

Comentários

Por que estamos estudando todas estas caracterologias? Porque o caráter, tal como o entendemos em astrocaracterologia, é uma região que não é abarcada por nenhuma delas, e, porque o estudo comparado das várias caracterologias deixa, enfim, uma zona em branco, um espaço virgem, que vem a ser justamente aquilo que se chama caráter em astrocaracterologia. O conceito astrocaracterológico do caráter está, portanto, sendo aqui exposto gradativamente por suas distinções e contrastes em face de outros tantos aspectos do caráter estudados pelas várias caracterologias.

Com o presente comentário, avançaremos muito na conceituação astrocaracterológica do caráter, e por isto considero esta lição a parte culminante deste primeiro trimestre, e peço aos alunos um estudo cuidadoso deste assunto.

Parte I - Preliminares

Na definição inicialmente dada por Berger, destacam-se duas coisas: a integração (a personalidade é um sistema, um organismo, uma ordem uma fórmula) e a individualidade (é por essa personalidade que o indivíduo se distingue dos outros). Berger diz ainda que a forma que em mim assumem os elementos que me compõem me pertence propriamente. Aí, por um lado, subentende-se que os elementos, considerados em si mesmos, podem não me pertencer, podem ser impessoais, podem vir de fora, da família,da sociedade,etc.; porém, por outro lado, também está implícito que a personalidade não se constitui somente da forma, mas da forma com os elementos, ou, melhor ainda, dos elementos na forma. No uso que geralmente se faz do termo em psicologia, a personalidade é um todo indecomponível de elementos e de forma (tal como na definição aristotélica o homem é' um composto inseparável da forma, ou alma, e matéria, ou corpo; e a separação é a morte).

Quais são esses elementos a que se refere Berger? São o caráter, as tendências constitucionais, o aporte hereditário, etc. Todos esses elementos, montados numa certa ordem e forma, constituem a personalidade. Se, de um lado, a psicologia geral isola esses elementos e os estuda um a um, a psicologia da personalidade, diz Berger, se definirá como o estudo integrado de todos elementos numa forma em particular, que é a personalidade. Portanto, temos aqui duas abordagens complementares: de um lado, os elementos separados; de outro, os elementos juntados e coeridos pela forma. Mas e a forma enquanto tal? E a forma considerada independentemente dos elementos? Esta não é assunto nem da psicologia geral, nem da psicologia da personalidade.

Se quisermos ter uma idéia precisa do que é que vamos chamar, de caráter em astrocaracterologia, diremos que ele é a forma pura da personalidade. Ou seja: a forma sem os elementos, a forma como mero esquema de possibilidades, a ser preenchido, na existência real, por tais ou quais elementos. Este aspecto, que foi abandonado tanto pela psicologia geral quanto pela psicologia da personalidade, é o nosso assunto: o tema da astrocaracterologia, ou, dito modo, o elemento humano e terrestre a ser comparado com a configuração celeste ou horóscopo.

No sentido em que normalmente se usa a palavra caráter em psicologia, ele é **um dos elementos** da personalidade, a soma do caráter, tido como elemento constante, com os outros elementos, tidos por mutáveis, adquiridos, substituíveis é o que dará enfim numa forma integrada individual. Porém, em astrocaracterologia, a palavra caráter será utilizada de uma maneira mais pura: partindo de sua etimologia que designa uma marca ou a forma individual de uma letra o caráter será, para nós, a forma pura da personalidade, isto é, a forma que tal ou qual personalidade tem independentemente da natureza, quantidade e proveniência dos elementos que a compõem. .

Notem que a psicologia geral opera uma abstração, separando os vários elementos, que depois a psicologia da personalidade concreciona novamente, numa forma individual. A astrocaracterologia operar então uma segunda abstração, para separar, desta vez, a forma pura; e esta forma é o que denominamos caráter. A Astrocaracterologia baseia-se no pressuposto de que a forma total da personalidade possível - é importante salientar isso, pois ela abarca personalidades que não nasceram, que talvez no nasçam nunca guarda uma correlação com a figura do céu no momento e lugar do eventual nascimento. A figura do céu expressa, por uma analogia estrutural bastante nítida que estudaremos mais tarde, a estrutura possível de uma personalidade; só não está predeterminado se esta personalidade vai existir ou não, pois é possível que no momento e lugar em que se forma essa figura, não nasça ninguém. É mais do que evidente que a figura do céu não pode ter uma relação direta com a personalidade real e concreta, existenciada, porque então seria preciso que houvesse, para cada figura do céu, um ser humano efetivamente existente; por isto é que a figura do céu corresponde somente à forma pura, à estrutura da personalidade possível, pois os vários elementos que preencherão essa estrutura, dando-lhe a carne e o sangue da existência concreta, só podem ser concebidos na e pela existência concreta. Este ponto, tão delicado e importante, tem escapado, quase que universalmente à percepção dos astrólogos, e por isso caem no equívoco de buscar uma equivalência entre a figura do céu e a personalidade concreta; a astrocaracterologia corrigirá isso, estabelecendo que a correspondência só pode ser buscada entre a figura do céu e o caráter, a forma pura, fazendo abstração dos elementos componentes, isto é da matéria da personalidade, a qual matéria, por ser tal, não pode ser concebida em abstrato, mas é objeto de estudo *a posteriori,* isto é, histórico pela narrativa do que efetivamente aconteceu; e, obviamente, ao nível do puro caráter, entendido como esquema de uma personalidade possível, obviamente ainda não "aconteceu" nada.

Pode-se calcular o mapa de qualquer momento e 1ugar, independentemente de, nesse momento e lugar nascer alguém ou não; e, qualquer astrólogo reconhecerá que, pela mera figura do céu, é impossível dizer se nesse momento e lugar nasceu alguém ou não, isto é, se o mapa é de alguma pessoa de carne e osso ou de uma mera possibilidade de pessoa. O único ponto que a astrocaracterologia concede à hipótese astrológica tradicional, portanto, é que afigura do céu em certo momento e lugar, não predeterminando o nascimento nem o impedindo, limita o quadro dos nascimentos possíveis, no sentido de que, em dado momento e lugar, só poderão nascer pessoas cuja caráter, cuja forma pura de personalidade, seja compatível com a figura do céu nesse instante; e que essa figura conservará uma relação com a forma pura da personalidade de quem quer que nasça nesse momento e lugar, quaisquer que sejam os elementos que, concreta e empiricamente, venham a preencher essa estrutura. Por um paralelismo que os alunos versados em simbólica tradicional não terão dificuldade de entender, o caráter, esquema puro da personalidade possível, guarda uma correspondência nítida com a forma total de uma vida realizada e terminada, isto é, com a biografia completa do indivíduo, ainda que às vezes não se pareça muito com a personalidade real vivente desse indivíduo em cada instante ou fase da sua vida, tomado isoladamente. Dito de outro modo: o indivíduo, enquanto vive, às vezes não se parece muito com o seu horóscopo; mas certamente se parecerá depois de morto, quando, num retrospecto, enfocarmos a sua biografia como um todo acabado e fechado. O caráter é, de certo modo, anterior e posterior à vida do sujeito real concreto: de um lado é a forma da personalidade possível, portanto do destino possível; de outro lado é a forma do destino realizado e terminado.É só e exclusivamente neste sentido que podemos admitir a validade do velho adágio astrológico de que "caráter é destino"; e nunca no sentido corrente de que o caráter seja a causa eficiente dos eventos que sucedem ao indivíduo; pois os eventos não são senão matéria às vezes casual e adventícia de que se vai compondo o destino; e o que o caráter predetermina é somente a forma total e final desse destino, e não a sucessão de entrada em cena dos elementos materiais, a qual é, a rigor, perfeitamente indiferente: com estes ou aqueles elementos, o caráter se realizará.

Neste ponto, a astrocaracterologia concorda com Klages quando (nas palavras de seu brilhante intérprete Gustave Thibon) proclama que "a relação meta-empírica da alma ao corpo precede o fato temporal da individuação efetiva; ela está relacionada à essência e ao fim da pessoa humana. *O* fundo potencial do carátemesu1tà da relação transcendental da matéria e da forma". Porém a astrocaracterologia inverte a fórmula de Klages, para o qual as constantes do caráter, que "especificam, anteriormente a toda influência e a toda volição consciente, nosso comportamento individual, representam como que a matéria, mais 'ou menos plástica ou refratária, sobre a qual se exerce o mundo exterior, por um lado, a vontade livre, por outro". *O* caráter, anterior, de certo modo, à existência temporal concreta, é, para Klages, matéria à qual a influência externa e a vontade livre darão forma; para a astrocaracterologia, o caráter é forma e nada mais que forma, pois seria inconcebível uma "matéria" anterior à existência concreta, já que matéria é precisamente o elemento cuja entrada em cena dá existência à forma pura de uma possibilidade, isto é, a uma essência. Tanto a influência

externa quando a vontade livre poderão moldar apenas a forma empírica da personalidade, isto é, contribuir para a somatória acrescentando ou subtraindo elementos; mas esta forma empírica não será jamais outra coisa senão uma dentre as várias formas possíveis de um mesmo caráter, uma forma selecionada dentro do repertório de possibilidades que é o caráter.

É por essas razões que neste curso, daremos preferência ao estudo de vidas realizadas e terminadas. Isto é, não só vidas terminadas no sentido temporal, mas vidas completadas, no sentido de que o indivíduo se propôs uma meta, um objetivo, e o realizou, ou ao menos levou sua realização até um ponto identificável. No caso de vidas truncadas, frustradas, incompletas, a correspondência entre caráter e horóscopo continua, evidentemente, a vigorar, porém de modo muito menos patente; pois a relação de caráter e horóscopo sô se manifesta através da existência e, quanto mais obscura, a existência, mais obscura essa relação. Muitas pessoas que se debruçaram sobre o mistério da realização humana, notaram que cada indivíduo, sem conhecer de antemão, é claro, a forma do seu destino, entrevê, no entanto, algo como o nebuloso perfil de um destino possível que lhes parece adequado e próprio à sua individualidade; apega-se a esta imagem, busca realizá-la; e, entre as vicissitudes da vida às vezes a perde de vista, ou, levado pela fraqueza ante as circunstâncias, a esquece quase por completo. Cada ser humano tem a vivência desse "perfil ideal"; e somente aqueles nos quais essa figura se projetou com nitidez nos atos e obras é que se pode dizer terem tido uma vida completa; deles é que se diz terem "realizado o seu arquétipo" (retirando deste termo suas conotações particularmente junguiana). É claro que todas as pessoas têm algum caráter, e que de modo ora mais, ora menos obscuro, ele se manifestará em algum momento; mas a única marca patente que o caráter pode deixar só se manifesta em duas coisas: na obra (produtos que subsistem materialmente após o término da existência) e no personagem (isto *é,* num modo de "ser que, pela intensidade e profundidade da sua ação sobre outras pessoas, deixa lembranças definitivas e indeléveis na história humana). A maior parte das pessoas não realiza obra nenhuma nem deixa marcas de seu personagem, ao menos duráveis e nítidas; a maior parte dos seres falecidos não deixa senão sinais vagos e evanescentes de sua passagem sobre a terra; e por estes sinais, vagos e fragmentários, não chegamos a saber quem de fato eles foram, embora pelo seu horóscopo possamos saber quem poderiam ter sido.

Para a psicologia, dissemos, a personalidade é: elementos mais forma, sendo o caráter um dos elementos. Para a astrocaracterologia,caráter, em sentido estrito, é: personalidade menos elementos. Podemos identificar e isolar os elementos mediante o estudo das várias caracterologias: Szondi ensina-nos a isolar o elemento pulsional hereditário; Kretachmer e Sheldon, os elementos constitucionais do temperamento; e assim por diante; esta é a razão de devermos estudar estas várias caracterologias para chegarmos a visualizar realmente o que se entende por forma pura. Deste modo podemos chegar a mapear a quase totalidade dos elementos que entram na composição de uma dada personalidade e, comparando duas personalidades compostas com elementos aproximativamente iguais, só poderemos compreender a sua diferença, precisamente, pelo caráter, identificado no horóscopo; isto é,

compreendemos que elementos semelhantes podem diferir quando organizados segundo um princípio formal diferente; do mesmo modo, comparando dois horóscopos semelhantes, poderemos compreender como é que, preenchidos por elementos materiais diferentes - elementos hereditários, ou, no caso de igual hereditariedade, elementos,empiricamente acrescentados pela influência externa ou pela vontade no decurso da vida – resultaram em personalidades concretas diferentes. Assim, daremos, por exemplo, solução concreta e científica à grosseríssíma questão dos "gêmeos astrais", que se costuma eludir por evasivas teóricas ou explorar mediante sofismas.

Do que foi dito, conclui-se que a figura do horóscopo só se manifesta claramente em determinadas vidas; que, em outras o caráter só transparece de maneira hesitante e fugidia; que, na maior parte das vidas, o jogo das correspondências entre posições astrais, traços de personalidade e eventos da vida, está sujeito a uma elasticidade de significados, que torna impossível a descrição límpida, e que levou o íntegro e honesto André Barbault a comparar o horóscopo a uma planta baixa que refletisse as proporções internas de uma casa, mas da qual se houvesse perdido a escala, de modo que, sabendo mais ou menos a sua figura, não tivéssemos como distinguir se é uma casinha de bonecas ou um imenso edifício. A experiência cômica de astrólogos que prevêem grandes acontecimentos para depois constatar que o advento de miúdas ocorrências que só guardam uma relação analógica muito distante como previsto, se explica assim. Nas vidas completas e realizadas, ao contrário, o astrólogo desfruta, precisamente, da vantagem de dispor de uma escala, a qual lhe é fornecida, justamente, pela envergadura dos atos e realizações registradas nesta vida. Esta vantagem é proeminente quando se considera que atos e obras de certos homens notáveis vieram mesmo a se tornar a medida e padrão - a escala - pelas quais julgamos atos e obras similares, realizados por homens menores; comparamos a autoridade de um tiranete sul americano à de Napoleão; as virtudes morais de nosso vizinho às de São Francisco; o talento dos poetas é medido por Homero e Shakespeare; e assim por diante. A grandeza é a escala com que se mede o pequeno. Em nosso esquema das camadas da personalidade, a homologia de horóscopo-caráter-destino só começa a aparecer com suficiente claridade da camada 9 para cima; abaixo disto, as notas vibradas no céu só ressoam na Terra numa pluralidade indefinida de níveis, devido ao fato de que a maior parte das vidas de homens comuns não chega a ter urna forma que reflita o seu caráter. Poderíamos mesmo definir "vida realizada" como aquela cuja forma final copia ou se assemelha à forma do caráter, enquanto as outras vidas, moldadas ao sabor de influências externas e eventos fortuitos, permanece um tanto ao nível do informe, para não dizer disforme.

O horóscopo de nascimento pode ser comparado, nesse sentido, a uma partitura de música: somente as execuções felizes e bem realizadas correspondem à partitura original, ponto por ponto; as demais só lhe correspondem de maneira imperfeita e irregular, e em algumas a partitura original se torna totalmente irreconhecível. É como se certos indivíduos tivessem uma seletividade mais ordenada e firme das influências externas, às quais vão dando a forma

do seu caráter, enquanto em outros a forma do caráter é obscurecida ou mesmo dissolvida pelas influencias externas.

Como já disse, a psicologia geral isola as partes, os aspectos, os vários processos e espécies; a psicologia da personalidade volta a reunir esses vários elementos, mas agora não segundo uma forma lógica abstrata, e sim na forma concreta de uma individualidade humana; a astrocaracterologia, em seguida, opera uma nova abstração, obtendo a forma pura da individualidade - e é esta forma pura que ela compara ao horóscopo de nascimento. É evidente que esta operação não se pode realizar sem o conhecimento meticuloso dos vários elementos a serem isolados, e são justamente estes elementos que são estudados nas várias caracterologias.

A psicologia da personalidade pode-se dividir em dois aspectos: de um lado, o estudo dos vários processos e níveis pelos quais se opera a integração dos elementos; isto seria a psicologia geral da personalidade; de outro lado, ele visa essencialmente a atingir uma compreensão da personalidade individual concreta e isto seria a psicologia da personalidade propriamente dita. A diferença entre ela e a astrocaracterologia está na insistência desta última na forma pura, abstraindo os elementos. Mais tarde isto será esclarecido em detalhes. Mas, só para dar um exemplo. Estudando as obras de grandes romancistas (somente os de envergadura universal, pelas razões já apontadas), verificamos que é significativo o número de autores com Saturno na Casa III em cujos livros encontramos, como tema central e essencial, histórias de adolescentes ou jovens que fogem de casa em busca de conhecimento ou de aventuras. Ocorrem-me agora os exemplos de Dickens, Hermann Hesse e André Gide. São autores enormemente diferentes uns dos outros, suas vidas e suas mentalidades, seus caracteres no sentido de Le Senne (Dickens é um colérico, Gide um sentimental, Hesse nervoso), as influências literárias e filosóficas recebidas, etc. Enfim: isolando todos os elementos que foram compondo suas personalidades, encontramos que não há neles nenhuma razão suficiente para que, em suas obras, um mesmo tema reapareça com constância obsessiva; então, levantamos a hipótese de que essa constância reflete uma peculiar inclinação da inteligência desses homens, inclinação esta que proviria da forma pura do seu caráter, anteriormente ao desenrolar da vida temporal e ao ingresso dos vários elementos em cena; em seguida, verificamos que essa inclinação correspondei estatisticamente, à presença de Saturno na Casa III do horóscopo natal. Entre escritores de menor porte - e o escritor de menor porte é justamente aquele cuja obra reflete menos a sua individualidade criadora a mais as influências externas e o gosto da época - não encontraremos a mesma constância. Do mesmo modo, ninguém se estende mais na descrição de sensações corporais imediatas do que os escritores que têm Saturno na Casa VI, por exemplo Flaubert, Thomas Maim, Henry Miller). Poderíamos atribuir isto a alguma hipersensibilidade proveniente de doença ou nervosismo (isto é, a elementos materiais da personalidade) no caso de Flaubert, homem de pouca saúde; mas como explicá-la num homem de vitalidade exuberante como Henry Miller? No que diz respeito a elementos de proveniência social, como explicar a presença da mesma

inclinação no grande-burguês milionário Thomas Mann e num filho de modesto alfaiate como Henry Miller? Não, isso não se deve a elementos, mas à forma do caráter.

É claro que o estudo dos horóscopos de escritores deve obedecer a certos cuidados metodológicos, que só exporei mais tarde e, por isto previno-os de que é inútil vocês procurarem desde já novos exemplos e correspondências desse tipo, movidos por uma natural curiosidade.

Vocês notarão, sem dificuldade, que cada camada seguinte absorve e supera a anterior. Não se deve confundir a divisão em camadas com a divisão abstrativa em aspectos e funções diversas; as camadas correspondem a uma divisão cronológica ou pelo menos a uma escala de evolução ideal, e cada camada abarca toda a personalidade, concretamente. Digo isto para evitar, desde logo, a pergunta imbecil: "E como se integram depois as camadas que você separou?" Toda divisão cronológica não separa partes do ser, mas etapas do tempo - e subentende-se que o ser existe concretamente em cada uma dessas etapas; e que, aliás, ele só se concreciona no tempo e no espaço. Mostrar as várias casas. em que um sujeito morou ao longo do tempo não é a mesma coisa que dividi-lo em memória, razão, sentimento, etc., pois, em cada unia dessas casas, ele morou inteiro.

A divisão em camadas da personalidade equivale, também, a uma divisão metodológica em níveis e planos de abordagem; e esta divisão nos permite integrar harmoniosamente; as contribuições das várias., escolas e correntes. da psicologia, ao invés de opô-las umas às outras num espírito de partidarismo pueril, infelizmente muito comum nos nossos estudantes de psicologia das universidades. Muitas vezes me perguntei como seria possível um sujeito de vinte e poucos anos, sem conhecimento extenso do panorama da psicologia, já ter optado, fanaticamente, por ser freudiano, reichiano, junguiano, etc. Essa opção, nessa idade, jamais poderia ser fundada em motivos intelectualmente relevantes. Só pode advir de uma falsa identificação, momentânea e superficial, da alma com certos motivos e temas da escola eleita.

Aqui, evidentemente, não admitiremos esse tipo de atitude. Também não admitiremos um dogmatismo tradicionalista que rejeita *in limine* as contribuições da moderna psicologia, e só aceita o que tenha sido obtido pelos métodos analógicos e simbólicos da ciência dita tradicional. *O* termo "tradição" tem sofrido, nas mãos de porta-vozes de escolas e correntes esotéricas, as mais horripilantes deformações (propositais) de sentido. A rigor, tradição significa universalidade, e aquele que se proclama "tradicional" deve estar disposto a pagar o que deve à exigência de universalidade: isto é, está moralmente obrigado a colocar-se num ponto de observação tão elevado que, dele, todos os pontos de vista particulares se integrem num todo harmonioso. Um partidarismo tradicionalista é uma contradição de termos.

Parte II - Enumeração das camadas

Primeira Camada

Sendo a forma pura da personalidade, o caráter é uma precondição para que exista a personalidade; ele é "anterior" à personalidade, pois, enquanto forma pura da possibilidade desta, já está dado, pronto, no instante do nascimento, ao passo que a personalidade será a resultante do esforço da existenciação mediante a absorção progressiva dos elementos.

Mas, por uma complementaridade dialética que o aluno versado em simbólica tradicional não terá dificuldade de entender, o caráter também é "posterior" à personalidade, no sentido de que, finda - e, é claro, realizada - a existência, ele expressará, em sua analogia com o horóscopo, a forma total do destino.

Segunda Camada

Este aporte biológico é a primeira condição para que o caráter, a forma pura, adquira existência real e concreta. Para que o caráter se realize, é necessário que a hereditariedade, a constituição, etc., lhe sejam compatíveis ou favoráveis.

Nesta camada há muitos elementos que, vindo "de fora", ingressam na constituição do caráter, favorecendo ou obstando sua realização. Os que têm prática em astrologia reconhecerão facilmente que certas posições planetárias, no mapa de nascimento, podem ser "leves" para um indivíduo de boa constituição física, "pesadas" para um indivíduo frágil ou doentio; por exemplo, Saturno na VI no horóscopo de Henry Miller e no de Flaubert.

É preciso, no estudo desta camada, conhecer a fundo esses elementos e verificar meticulosamente sua relação com o caráter puro, a qual não é unívoca como em geral pensam os astrólogos. Por exemplo, não se pode saber do estado de saúde de um indivíduo só pelo seu horóscopo, sem outros indícios. A configuração astral não resulta em saúde nem em doença senão pela intermediação de outros elementos.

Para esc1arecer essa complicada dialética entre caráter e hereditariedade, sugerirei mais tarde algumas pesquisas, que poderão ser realizadas pelos alunos.

Terceira Camada

Todas essas escolas se dedicaram ao descrever o processo cognitivo, sua evolução e suas várias etapas. É evidente que o processo cognitivo é esquematicamente o mesmo em todos os seres humanos, mas, sendo bastante complexo, ele introduz um elemento de variação no quadro delimitado pela hereditariedade. O que o indivíduo virá a aprender, e como, é algo que depende, em parte, da hereditariedade, em parte, do meio ambiente, em parte da livre vontade do indivíduo, e, em parte da lógica inerente ao processo cognitivo mesmo, a qual

uma coisa totalmente independente da hereditariedade individual. As escolas psicológicas interessadas na descrição do processo cognitivo fazem geralmente abstração do caráter, da hereditariedade, etc., só se interessando pela cognição enquanto tal. Mas é evidente que uma teoria da cognição não pode substituir uma psicologia geral ou uma psicologia da personalidade; ela dever ser integrada nestas últimas, caso queira servir a qualquer objetivo prático.

Entendemos, ademais, que, quando o indivíduo penetra nesta camada, está se introduzindo um elemento de liberdade e de indeterminação no quadro anteriormente é delimitado pela hereditariedade: nem todas as pessoas com as mesmas características hereditárias recebem as mesmas informações. A história do desenvolvimento cognitivo do indivíduo deve ser contada independentemente da hereditariedade, pois esta não determina as oportunidades de aprendizado nem é onipotente ao determinar a capacidade de absorção.

Quarta Camada

O padrão afetivo do indivíduo tem uma história; ele provém das experiências vividas, que cristalizam aos pou*cos* determinadas reações, originando o "caráter" tal como o entende Freud, que é como uma resultante da história vivida, que canaliza os impulsos nesta ou naquela direção até consolidar um circuito, são ou neurótico, que tende a repetir-se.

Esta história pulsional e afetiva também pode ser estudada independentemente do caráter, da hereditariedade e da história cognitiva - mas é evidente que, para conhecermos a personalidade real e integral deveremos ir aos poucos inserindo cada camada na seguinte, conforme a ordem cronológica de sua entrada em cena.

Para entender a contribuição e o valor das escolas que estudaram este tema da história pulsional, é preciso inserir-las no quadro de uma ampla psicologia da personalidade, ao invés de querer fazer delas o substituto da psicologia toda. Não podemos nos esquecer de que a psicanálise é uma escola especializada, que enfoca um tema determinado, e que ela não é uma psicologia geral. Tentativas de fazer dela uma psicologia geral só resultam em ampliar desmedidamente a exibição das suas limitações e fraquezas, e expô-la a críticas que, no âmbito do que ela especifica e limitadamente se propõe, seriam injustas. O aspecto particular enfocado pela psicanálise tem um grande valor na determinação do destino; o que devemos fazer é averiguar o peso específico desse fator dentro da concepção geral do homem e da personalidade.

Quinta Camada

Toda a psicologia de Jung nada mais é do que uma psicologia do ego e da autoconsciência; apenas uma resposta à pergunta: "Como me apreendo como indivíduo autoconsciente e como esta autoconsciência sé desenvolve desde as trevas da ignorância até a apreensão dos

arquétipos que determinam sua forma individual e seu destino?" Meu mestre e amigo, Dr. Juan Alfredo César MüIler, que estudou com a Dra. Maria-Louise von Franz, dizia mais: que toda a obra de Jung era uma longa autobiografia, não um sistema científico-abstrato de psicologia.

Sexta Camada

Pode-:se distinguir entre aptidões, que seriam mais ou menos inatas, e capacidades, que seriam mais ou menos adquiridas. No entanto, não faz sentido estudarmos esta questão antes de termos uma visão suficiente da psicologia do ego, pois aptidão é o domínio consciente de alguma coisa; a aptidão latente ou se transforma em capacidade pela filtragem do ego, ou dela você nunca toma conhecimento. A aptidão é o conjunto dos meios intelectuais, técnicos, etc.; de que o indivíduo dispõe para realizar, seu caráter, e esses meios em parte dependem dele mesmo, em parte são dados pelo meio, pelo ambiente. Uma coisa é estudar a relação entre caráter e hereditariedade, caráter e desenvolvimento cognitivo e caráter e aptidão; alguém com uma hereditariedade propícia pode não chegar a ter a capacidade porque faltou em seu meio a oportunidade de adquiri-Ia.

Sétima Camada

O mesmo indivíduo tem vários sub-egos ou subconsteIações de personalidade conforme os seus vários papéis sociais exercidos. Temos de distinguir as várias situações que o indivíduo vivencia, quais são os vários papéis, as diferentes subpersonalidades que cria para se adaptar a estas situações, para não confundir meros papéis sociais com traços de personalidade ou de caráter.

Oitava Camada

Se entendermos caráter – na acepção de Le Senne - não apenas no sentido das três primeiras colunas, mas das nove colunas do teste de Berger, podemos dizer que ele é uma somatória, uma síntese individual que num dado momento fornece um retrato do indivíduo tal como ele está. Neste ponto chegamos à noção de uma personalidade global pela primeira vez. Mas a personalidade não termina aqui; termina aqui apenas para a média dos seres humanos, mas há pessoas que têm faixas da personalidade que não podem ser abarcados pelos estudos descritos até o momento. Estas pessoas têm um algo mais que as destaca.

Nona Camada

Tudo isso que nós falamos é a personalidade empírica, a personalidade que o sujeito tem de fato, no decorrer de sua experiência. Começamos a poder falar em obra e em personalidade a partir do momento em que esta personalidade empírica recebe uma valoração consciente em algum dos seus aspectos, ou seja, onde o indivíduo percebe que alguns elementos de sua personalidade podem conter a afirmação de certos valores universais e passa a se dedicar a

realizar esses aspectos determinados. A isto nós chamamos personalidade intelectual superior, e nem todo mundo a tem. Você tem a partir do momento em que quer e que procura desenvolvê-la. A natureza e a sociedade levam o homem até certo ponto, criam nele determinados órgãos; mas há outros que é o homem mesmo que "inventa".

Existe um "órgão" num Balzac ou Beethoven que não existe nas outras pessoas a que é o que Croce chama de personalidade poética; o aspecto criativo da personalidade, o qual, provindo da personalidade empírica, por vezes a engole totalmente, tanto que os traços desta acabam por ser neutralizados. Na verdade, são estas quatro últimas camadas 9, 10, 11, 12 - que aparecerão mais raramente no mapa astrológico, pois são estas que terminam de expressar a personalidade. Só se a personalidade se expressar em todos os doze níveis é que pode ser estudada facilmente em suas relações com o caráter, senão é apenas um estudo de possibilidades.

Décima Camada

O problema da responsabilidade moral só se coloca a partir do momento em que o sujeito tem uma personalidade intelectual, pois é a personalidade intelectual que vai destacar no indivíduo a idéia do valor universal como algo que existe para nós; sem isto, como poderíamos julgar moralmente nossos atos? Abaixo de um certo nível de integração da personalidade que permita a eclosão desta personalidade intelectual superior, a rigor podemos dizer que os atos do sujeito são moralmente irrelevantes (isto no sentido da moral pura, kantiana, não da moral social, pois seus atos têm influência sobre os outros). O problema moral de que falamos surge quando, concebendo que existem valores universais dentro de si, que lhe cabe realizar, o indivíduo se recusa a fazê-lo. Mas como exigir isto daquela que não tem uma síntese individual formada, de um indivíduo que ainda está dissolvido dentro da mentalidade coletiva, e que, quando erra, erra junto com os outros?

Décima Primeira Camada

Na medida em que tenha uma personalidade intelectual superior e um eu transcendental, capaz de se sobrepor a toda sua existência e julgá-la, no momento em que a1cança este ponto, de poder julgar sua existência e seus atos como se estivesse acima de si, é que o sujeito presta satisfação de si perante o tribunal da humanidade, da História.

Décima Segunda Camada

Estas psicologias tratam fundamentalmente do sentido da vida do indivíduo, do indivíduo perante sua responsabilidade moral última, algo que está acima do personagem, algo que a humanidade mesma não sabe. É fundamentalmente, o indivíduo como Homem Universal, como Cristo, como pastor e responsável pela humanidade inteira.

Biografia e Destinologia
(Orientação para o estudo de biografias)

Introdução

É evidentemente impossível pronunciar qualquer julgamento,que se pretenda científico ou ao menos intelectualmente relevante, sobre um ato, um episódio, um traço de caráter, ou uma qualidade de um homem, sem tomar como pano-de-fundo e pressuposto, implícito ou explícito, consciente ou inconsciente, patente ou inconfessado, um quadro de valores e critérios, uma visão geral da.vida e do destino humanos, uma antropologia filosófica qualquer, ou, para resumir, uma antropovisão. Por trás de qualquer julgamento particular, por trás mesmo da simples constatação de "fatos", existem sempre princípios gerais que delimitam, enquadram, esquematizam e mesmo determinam nossa visão e nossa avaliação das coisas, seres e situações.

Nem sempre estamos conscientes desses princípios, que muitas vezes absorvemos passivamente das crenças e hábitos do meio-ambiente, e que passamos a aplicar sem nenhum exame crítico.

Nas épocas de forte consenso coletivo quanto aos valores e metas da vida humana, esse automatismo no julgamento dos casos individuais não chega a ser danoso, porque o hábito de julgar sempre com base nos mesmos princípios -por errôneos ou estreitos que sejam em si - faz com que as pessoas, com o tempo, desenvolvam uma habilidade, uma espécie de sabedoria prática, que as ajuda a avaliar corretamente as situações concretas, compensando a estreiteza dos princípios.

Porém, nas épocas de mudança acelerada de valores e critérios, não pode mais o homem apoiar-se no automatismo, sem risco de erro. Pois os consensos em que crê apoiar-se são limitados no tempo, isto é, destinados a perecer cedo ou tarde sob o impacto da crítica, ou limitados no espaço, isto é, restritos a determinados grupos sociais, cuja voz não teria por que desfrutar de autoridade sobre a sociedade como um conjunto. Aí não resta ao homem honesto outra alternativa senão entregar-se ao laborioso esforço de examinar criticamente os pressupostos de seus julgamentos, até poder chegara um critério maduro e, tanto quanto possível, independente. É numa situação assim que nos encontramos.

A necessidade desse exame é tanto maior para as pessoas. as que estejam profissionalmente, ou por hábito intelectual, envolvidas na compreensão e avaliação de. atos humanos; refiro-me particularmente aos psicólogos, juristas, médicos, sociólogos, assistentes sociais, pedagogos, etc.. Os astrólogos não teriam como deixar de incluir-se nesse grupo, dada, sobretudo, a

crescente importância social do seu ofício.

No entanto, tenho constatado que os quadros criteriológicos em que a maioria dos astrólogos de hoje apóia suas análises e interpretações se constituiu frequentemente de um amálgama improvisado e grosseiro de crenças absorvidas, sem exame, do meio-ambiente ocultista em que os astrólogos vivem, e depois irresponsavelmente impingido aos clientes, como norma e padrão absoluto para o julgamento de seu horóscopo, dos trânsitos planetários e, enfim, do seu destino individual.

Não me refiro à técnica interpretativa, nem à linguagem simbólica da astrologia, que os profissionais do ramo em geral dominam com suficiência. Refiro-me, isto sim, à sua antropovisão, que é o critério e fundamento pelo qual se avaliam os dados astrológicos, e que serve de guia para a orientação psicológica e psicopedagógica do cliente.

Absorvendo, sem crítica, noções éticas, morais, metafísicas e psicológicas que simplesmente "estão no ar" no ambiente ocultista, muitas vezes os astrólogos deixam filtrar-se, nas suas interpretações, as maiores absurdidades, de que nem sempre se dão conta.

Ocorre, por mal dos pecados, que juízos particulares aparentemente sensatos podem originar-se em princípios gerais perfeitamente absurdos; e só são aceitos na medida em que estes princípios permanecem inconscientes ou inconfessados. Uma análise lógica das interpretações dadas, pelos astrólogos a uma infinidade de situações concretas particulares acabaria por trazer à plena luz do dia esses princípios latentes, o que bastaria para evidenciar a sua absurdidade.

Por exemplo, quando um astrólogo interpreta os ângulos desfavoráveis de Saturno, de Marte ou de Plutão como "lições" para o "aperfeiçoamento moral ou espiritual" do indivíduo, ou propõe que "utilizando as energias" desses aspectos planetários o cliente poderá ascender a níveis mais elevados de consciência e de existência, que é que está querendo dizer, no fundo? Ou antes: que é que está afirmando implicitamente? Em que pressupostos se apóia? Vejamos apenas dois:

1º - Tal interpretação se baseia na convicção de que a sutilização energética, a passagem de um nível mais denso a outro mais fino de energia, tem por si um significado moral e espiritual positivo; mais ainda, que sutilização e espiritualização sejam coisas idênticas. A diferença entre matéria e espírito fica assim reduzida a uma gradação quantitativa, escamoteando-se o abismo que existe entre realidades de diversa natureza ou essência. É o que Dalai-Lama chama "materialismo espiritual" .

É preciso ser muito ingênuo ou mal-intencionado para professar uma doutrina tão boba, mas acontece que no campo astrológico muitos a aplicam sem professá-la, quer dizer: seguem-na inconscientemente.

Creio que doutrinas como essa são postas em circulação por inimigos da humanidade, que com elas pretendem sujeitar a escárnio a inteligência humana. Tais indivíduos são o que as religiões chamam de diabos. Um diabo é uma criatura empenhada em aviltar a inteligência humana, dando ao homem todas as oportunidades de erro para em seguida "provar" que ele é incapaz de ater-se à verdade. Os alunos aqui presentes já são bem grandinhos para poderem compreender o que as religiões falam sobre pecados - gula, luxúria, etc.: - não passa, às vezes, de um conjunto de metáforas destinadas a significar os erros e desvarios da inteligência que conduz a vontade. Que a gravidade de tais advertências tenha, ao longo dos séculos, se rebaixado ao zelo idiota de padrecos que fiscalizam meninos para que não se masturbem, é a meu ver somente mais um sinal de que o diabo tem sido bem sucedido na sua empresa de reduzir ao ridículo a inteligência humana.

Para que se perceba o quanto é grotesca e aberrante a doutrina do materialismo espiritual, basta notar que ela implica serem as pedras, por mais densas, espiritualmente inferiores à energia elétrica, e esta, por sua vez, muito menos santa do que a sutilíssima energia atômica. Por essa teoria, a bomba que "sutilizou" os muros de Hiroxima e Nagasaki foi um esplendido benefício espiritual para a humanidade.

É claro que essa é uma doutrina que só serve para indivíduos intelectualmente lesados, incapazes de apreender o que quer que seja do reino do espírito, que é o reino da verdade, da universalidade, e da liberdade, e que nada tem a ver com energias, sutis ou grossas, nem com a falta delas, assim como a forma pura do círculo não tem nada a ver com o papelão, a madeira, o metal ou qualquer matéria grosseira ou fina, em que o recortemos. Não se pode atingir o espírito por sutilização da matéria tal como não se pode alcançar o infinito pela soma de quantidades indefinidas, por maiores que sejam.

2° - A referida interpretação pressupõe ainda que o cosmos físico tenha sido propositadamente construído de modo a favorecer o aperfeiçoamento moral do homem. Toda a natureza estaria assim, repleta de lições quanto ao certo e ao errado nos comportamentos humanos, faltando apenas para cada evento natural extrair a respectiva moral da história. É o que eu chamo moralismo cósmico.

Essa ideologia enfatiza a continuidade - para não dizer a identidade - entre o mundo da necessidade física ou natural e a esfera da liberdade moral humana. Não enxerga a menor diferença entre o fenômeno da influência astral em si mesmo, fisicamente ou energeticamente considerado, e o significado que possa ter para este ou aquele indivíduo em particular ou para este ou aquele grupo social. Lê nos eventos cósmicos uma intencionalidade psicopedagógica literal e direta; e, quando ao faze-lo, professa estar usando de "interpretações simbólicas" ou analógicas, demonstra apenas não saber o que é a linguagem dos símbolos, pois esta, sempre variável e dúplice por natureza, é incapaz de fazer por si mesma qualquer advertência ou recomendação, sem o auxílio de um quadro axiológico previamente dado que

possa aferir o valor moral e prático das significações apontadas.

Ao misturar numa pasta confusa o mundo da natureza e o mundo moral humano - sem ter em conta as múltiplas transições e atenuações dialéticas que intermedeiam o seu relacionamento -, essa doutrina, se assim cabe chamá-la, omite a distinção entre causalidade e significação, que se tornou clássica nas ciências humanas desde Weber. *O* resultado prático desta omissão é que o indivíduo, o cliente, é implicitamente convidado a abdicar da liberdade de sua consciência moral, isto é, da capacidade de escolha racional dos fins, para deixar a condução de seus atos à mercê do arbítrio do cosmos físico, doravante incumbido de nos ditar os comportamentos a adotar ou a evitar em cada situação. Acreditando elevar-se a uma "consciência cósmica" superior, tudo o que o indivíduo consegue é amortecer a única consciência de que efetivamente dispõe, para tornar-se daí por diante um mero sensor de sinais e presságios. Retoma assim à mais grosseira e arcaica superstição dos augúrios naturais, que acaba por substituir a consciência moral racional em dissolução.

A doutrina do moralismo cósmico surgiu como uma reação, até certo ponto cabível e justa, contra o pendor da astrologia clássica de rotular como benéficos ou maléficos os planetas e aspectos planetários, sem qualquer contrapeso dialético. Ocorre apenas que a astrologia clássica fazia tais julgamentos apenas desde um ponto de vista dos fins práticos mais óbvios da ação humana individual, vendo um bem naquilo que a ajudava e um mal no que lhe oferecia obstáculo, no mesmíssimo sentido em que na vida diária acreditamos topar com oportunidades e impedimentos, sem que isso implicasse louvor ou censura moral aos astros, ,aos aspectos celestes ou muito menos ao cosmos, como um todo. Ao contrário: basta notar o quanto a cosmo visão dos astrólogos e pensadores astrológicos de antigamente era dependente das concepções religiosas - greco-romanas, cristãs, judaicas ou islâmicas - para perceber que eles simplesmente não poderiam sequer chegar a conceber que uma força natural qualquer fosse por si algo de intrinsecamente maléfico ou benéfico, pois, segundo todas essas concepções religiosas, o mal e o bem só podem existir como tais na esfera da liberdade moral, estando, por definição, excluídos do reino da necessidade natural. Quando, portanto, Ptolomeu ou Bonatti ou Ibn'Arabi ou Morin de Villefranche ou Fludd falavam do malefício ou benefício dos planetas, se referiam exclusivamente aos efeitos coadjuvantes ou impeditivos que exerciam sobre os fins e atos humanos, que, estes sim, podiam ser bons ou maus, morais ou imorais, nobres ou vis.

Em suma: não havia nenhuma conotação moralizante nos rótulos de benéfico ou maléfico, os quais se referiam tão só àquilo que era conveniente ou inconveniente aos fins práticos da ação humana. Não existia maior intenção moral nessas qualificações do que existe na máxima de Chico Buarque de Hollanda: "Antes rico e com saúde do que pobre e doente". E os que enxergam nelas tais intenções estão somente se deixando enganar pelo sentido aparente das palavras "bom" e "mau", subentendendo que, se tais palavras são usadas em matéria moral, então devem ter um sentido moral onde quer que se encontrem.

A reação equivocada e pedante contra tais denominações se inspira numa extensão equivocada e pedante da rebelião contemporânea contra os códigos morais. Explica se pelo fato de que, em certos indivíduos, essa rebelião assumiu uma forma radicalizada de repulsa a toda moralidade, de modo que tais pessoas não podem sequer ouvir falar as palavras "bom" e "mau", sem reagirem com furiosa indignação contra uma inexistente madre-superior, que sua imaginação enxerga por toda parte como um símbolo universal e onipresente da odiosa repressão.

Ora, uma rebelião contra a moral é, evidentemente, uma atitude moral. E, se a doutrina antiga sobre os planetas maléficos e benéficos era prática e não moral, a reação atual contra ela, inspirando-se em motivos morais, não poderia deixar de ser moral e não prática. Uma postura sistemática e rígida contra um moralismo não pode ser outra coisa senão um moralismo às avessas, só que procurar enxergar o mal onde seu adversário via o bem, e vice-versa. Assim, Saturno e Marte, se eram maus para o corpo, adquiriram, por uma prodigiosa confusão de planos, a fama de serem bons para a alma; de causadores de febres e anemias, tomaram-se professores de ética; de inimigos naturais, tomaram-se amigos e mestres espirituais. O sentido moralista e bobo de toda essa inversão é demasiado evidente para que seja preciso insistir neste ponto.

A doutrina do moralismo cósmico pretende, como foi dito, extrair conseqüências morais diretamente de fenômenos naturais. Com isto, confunde o plano da teodicéia que é o da justificação moral da criação cósmica, com o plano imediato e prático das conveniências e inconveniências da vida, esquecendo que nem tudo o que é bom para o cosmos como um todo é bom para o indivíduo enquanto tal, e vice-versa, e de que, mesmo no plano mais geral da teodicéia, o reino universal do bem não exclui. a existência de uma infinidade de males específicos e particulares que, nem por contribuírem, em última instância, para o bem universal, deixam de ser males no seu próprio nível e esfera.

Em segundo lugar, essa doutrina, como a anterior do materialismo espiritual, confunde o plano da necessidade natural com o da liberdade moral, pretendendo enxergar nos fatos da natureza intenções moralizantes, aliás duma vulgaridade sem par, e esquecendo, novamente, que a interpretação de símbolos não pode, por si, levar à afirmação positiva de um "faça" ou de um "não faça" sem a intermediação de um código moral que, por sua vez e pelas mesmas razões, tem de ser dado antes e independentemente dos fatos naturais e simbólicos considerados, o que não poderia jamais ser deles deduzido.

Em terceiro e mais grave lugar, ao introduzir no estudo, do fenômeno astral considerações morais absolutamente extemporâneas, a,astrologia abandona o seu campo legítimo e específico para arrogar-se a posição de uma super ciência que seria ao mesmo tempo metafísica, ética, pedagogia, psicologia, medicina e jurisprudência. É tão habitual entre os astrólogos, hoje, encararem sua ciência como uma espécie de sabedoria universal, e não como

uma ciência. especializada e limitada, que não percebem que não há mais razões para deduzirmos conseqüências éticas do fenômeno astral, do que as há para deduzi-Ias dos fatos biológicos ou químicos. Afinal,se tudo é símbolo, se a natureza fala, não há porque privilegiar os astros em vez das amebas, infusórios, sulfetos e nitratos. A diferença é que os biólogos e químicos têm um pouco mais de compostura. A inflação do campo da astrologia, no entanto, tem explicação: é um caso clássico de compensação, no sentido adleriano. Quanto menos seguro o astrólogo se sente do seu saber, no campo rigoroso dos fatos e das leis científicas mais tende a enfatuar-se em generalizações pseudofilosóficas destinadas a apaziguar a dolorosa consciência da vacuidade do seu saber.

Todo e qualquer estudo da natureza pode levar a conclusões filosóficas *ou* éticas de grande valor, mas que diríamos de um biólogo que, pouco ou nada sabendo de certo acerca da biologia, estendesse seu campo de investigação tão somente a essas conclusões, abandonando ou desleixando o campo específico do estudo biológico? Teria deixado de ser biólogo, sem conseguir tornar-se mais que um, pseudo-filósofo.

A astrologia, nesse sentido, não é nem pode ser uma sabedoria mais do que o são ou podem ser a física ou a mineralogia. Uma ciência deve, antes de tudo, buscar as leis que governam os fatos, ao invés de, partindo de fatos mal observados e pior explicados, pretender ver neles "intenções" ou "significados" misteriosos e sutis. Uma astrologia sapiencial só é legítima na medida em que não pretenda sorrateiramente ocupar o lugar da ciência astrológica faltante. Foi isto que, já num curso dado em 1986, proclamei ao dizer que, se a astrologia pretende chegar ao significado espiritual de fenômenos naturais, então a astrologia natural deve preceder necessariamente a astrologia espiritual, a qual, sem ela, é oco fingimento.

Muito bem. Estamos aqui reunidos, nesta sexta rodada de aulas do Curso de Astrocaracterologia, para entrar agora no estudo da biografia**,** o desenho da vida humana. O caráter, como foi dito, é o fundo fixo de uma vida que é incessante mudança. Para encontrá-lo, devemos coar a biografia, a narrativa das mudanças, até que se deposite no fundo da peneira o resíduo fixo.

Não é só por isto que o estudo da biografia nos importa. Em toda atividade psicológica, ou em qualquer dos campos com que a astrologia faz parede-meia o que o profissional tem diante de si é uma vida humana; uma vida, não em sentido biológico, mas em sentido biográfico, existencial. Urna vida feita de esperanças, de atos, de derrotas e vitórias, uma vida enfim, que só se compreende ao contá-la. Devemos, pois, preparar-nos no estudo desta forma especial de conhecimento que é a narrativa. Conheço um indivíduo, no sentido existencial, quando ele me conta a sua vida, quando assisto ao seu desenrolar, quando, em suma, sei narrá-la.

A narrativa de uma vida pressupõe uma seleção e ordenação das partes e episódios, de modo que a massa confusa adquira um perfil, uma forma narrável. Esta seleção e ordenação, precisamente, requer o concurso, de um critério de um esquema de avaliação, ou seja, daquilo

que denominei antropovisão, ou, se quiserem, antropologia filosófica.

Vimos, nos parágrafos anteriores, como a antropovisão corrente entre os astrólogos é defeituosa e insuficiente; vimos como, por ela, pouco podemos compreender realmente da vida individual humana - seja da vida de grande personagens, seja da vida do mais humilde de nossos clientes.

Redigi estas páginas penando que o estudo da antropovisão, como critério do estudo biográfico, requeresse tais palavras de advertência.

O que vamos fazer em seguida é um empreendimento da mais alta significação não só para a formação intelectual e profissional dos alunos, mas para a avaliação da vida e dos valores de cada qual, pois compreendendo-nos a nós mesmos que chegamos a poder compreender os demais seres humanos, é contando a nossa vida que aprenderemos a contar a alheia. Este ponto do nosso curso requererá dos alunos um extremo esforço de veracidade, de objetividade, de fidelidade à própria consciência. Ele será um mata-burros onde sem dúvida tropeçarão todos os arrogantes e pretensiosos, que, construindo sua vida sobre ilusões, necessitem cultivar ilusões, inversas e complementares, sobre os demais seres humanos.

Até o momento, esta turma de alunos tem revelado capacidade e sinceridade. Não falhem agora.

Orientação para o Estudo de Biografias

1. Sou essencialmente idêntico ao indivíduo estudado.
2. Sou existencialmente diverso. .
3. O homem é sujeito (autoconsciente) das suas ações.
4. O homem é objeto (consciente ou não) das ações alheias.
5. Princípio historiográfico de Karl Marx: os homens fazem sua própria história, mas não a fazem num cenário livremente escolhido.
6. Princípio historiográfico de Ortega y Gasset: a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem.
7. Todo ato tem significação.
8. Todo ato tem causa.

9. A vida individual começa a completar-se na morte.

10. Prossegue completando-se depois, pelos resultados.

11. A vida individual pode e dever ser julgada: cada um julga sua vida, e age conforme este julgamento.

12. A primeira coisa a conhecer é a meta ou aspiração.

13. A meta tem sua história. Não surge pronta.

14. A meta possui um aspecto endógeno e outro exógeno.

15. A significação depende da meta.

16. Onde não há meta, a vida explica-se pelas causas.

17. Um ato inteiramente redutível às causas não tem significação subjetiva, mas pode ter significação objetiva.

18. Não se deve recorrer à explicação pelas causas objetivas enquanto não se esgota a explicação pelo significado subjetivo.

19. Estabelecer, em cada caso, a proporção entre significado e causa.

20. A descrição do cenário deve ser feita em três perspectivas: (a) segundo a ordenação de valores ditada pela meta; (b) segundo a ordenação de valores vigente no cenário. mesmo; (c) segundo a nossa atual ordenação de valores.

21. Pode haver momentos e eventos sem significação, mas não sem causa.

22. Equilibrar a identificação simpatética e o distanciamento crítico segundo as três perspectivas indicadas no nº 20.

23. Biografia é drama.

24. O protagonista é a consciência e a liberdade.

25. O antagonista é a lei de inércia.

26. Há inércia positiva, reabsorvível.

27. E há a fatalidade.

28. Há vidas interrompidas no meio.

29. Há vidas que cessam antes do fim, o que não é a mesma coisa.

30. A meta implica papéis, acidentais ou essenciais.

31. Certas vidas expressam a autoconsciência do cenário mesmo.

32. Noutras, a autoconsciência é reabsorvida no cenário.

33. Contar uma vida é julgar a nossa própria vida.

Orientação quanto às Órbitas

A pesquisa Gauquelin, entre outras novidades que trouxe, colocou em questão as chamadas "órbitas" das casas astrológicas.

Ao constatar que, num horóscopo, os "pontos relevantes" podem não estar colocados precisamente nas casas ditas angulares - isto é, I, IV, VII e X - e nem mesmo no grau preciso da conjunção com o Ascendente, o Fundo do Céu, o Descendente e o Meio-do-Céu, e sim muito atrás, dez ou quinze graus antes desses lugares, Gauquelin nos colocou diante da seguinte alternativa: ou

a. os pontos significativos do horóscopo de nascimento não são aqueles assinalados pela astrologia tradicional, e sim as casas que os antecedem (isto, a XII, a III, a VI e a IX, as casas ditas "mutáveis"); ou

b. se conservamos a noção do predomínio, das casas e pontos angulares, então temos de admitir, para estes, uma órbita de recuo bem maior do que aquela aceita geralmente pelos astrólogos, e consagradas pelos manuais antigos e modernos. Assim, um planeta colocado dez ou quinze graus antes do Ascendente - isto é, do meio para. o fim na Casa XII - ou dez ou quinze graus antes do Meio-do-Céu - isto é, do meio para o fim da Casa IX - já estaria, ou deveríamos considerar que estivesse, em conjunção com esses pontos angulares.

Pode-se admitir qualquer das duas hipóteses, mas, como a primeira implicaria um remanejamento geral da nossa maneira corrente de entender a estrutura mesma do horóscopo (pois deveríamos, na parte teórica da astrologia, justificar lógica e simbologicamente o predomínio, à primeira vista insólito, das casas mutáveis sobre as cardinais, invertendo todos os valores da simbólica tradicional), preferimos, por simples comodidade; e sem nada prejulgar quanto ao desenlace da questão – adotar a segunda hipótese: as órbitas, ou orbes, dos pontos angulares seriam simplesmente maiores do que a astrologia tradicional admite. Trata-se, no caso, de diferença quantitativa, mais fácil de assimilar à simbólica tradicional do

que a primeira, que imporia uma mudança qualitativa nas interpretações habitualmente dadas a esses pontos.

Uma vez admitida provisoriamente a hipótese de uma órbita maior dos pontos angulares, resta, no entanto, um problema, quanto maior? Um planeta, colocado antes do Ascendente, deve ser considerado e interpretado como conjunto ao Ascendente. Mas antes, quanto? Cinco graus? Seis, onze, dezessete?

0s astrólogos, sempre que colocados diante da questão das órbitas (antes mesmo da pesquisa Gauquelin já havia alguma incerteza quanto a este ponto) costumam resolvê-la pelo procedimento assertórico e dogmático - isto é, afirmando uma solução qualquer, sustentada apenas pela forçada autoridade de quem a emite. Tal escola admite tantos graus, outra rejeita esta solução e corta, ou aumenta de tantos ou quantos graus a órbita admitida; e os discípulos consideram uma questão de honra ater-se ferreamente à bitola em que seu mestre houve por bem aprisionar a influência astral, de modo que esta não se atreva, com inadmissível petulância, a gingar nem para lá nem para cá do seu estrito território.

Tudo isso, evidentemente, faz parte apenas da comédia astral. Nada tem a ver com a verdade, nem com o conhecimento.

Na verdade, e à luz de todo o conhecimento até hoje possuído a respeito, a questão é indecidível. Ninguém sabe a resposta.

Apenas o que podemos fazer é tentar encaminhar a questão de maneira racional e frutífera, de modo que as futuras investigações, colocadas desde já na direção certa, possam encontrar uma resposta que, no atual panorama de mero entrechoque de dogmatismos, se revela não somente inexistente como impossível.

Um critério e norma que pode ser estabelecido desde logo *com* certeza absoluta é que não existe gradação absoluta, em números, que possa definir a extensão das órbitas. Qualquer solução,que consista em fixar um determinado número de graus para lá ou para cá - que é como se costuma habitualmente resolver, ou melhor, massacrar a questão não somente é errônea de fato *como* também logicamente contraditória *com* a definição mesma de "casas" astrológicas. As casas são uma simples divisão proporcional do espaço celeste, e não uma divisão em partes iguais. A extensão relativa das casas varia enormemente conforme a latitude, de modo que, num horóscopo calculado para São Paulo, um astro colocado, digamos, doze graus antes do Ascendente estaria na metade ou mesmo no último terço da Casa XII, ao passo que, se o horóscopo fosse para Leningrado, um planeta a tal distância do Ascendente cairia no começo da Casa XII, ou mesmo no fim da XI, dado o estreitamento das casas superiores (ou "diurnas") nas latitudes norteiras extremas. Se admitíssemos uma órbita absoluta de doze graus para a conjunção com o Ascendente, teríamos então de aceitar que um planeta pode estar, ao mesmo tempo, na Casa XI e conjunto ao Ascendente, o que

simplesmente estraçalharia a noção mesma de direções do espaço.

Assim, a questão das órbitas não pode ser decidida pela fixação de um número absoluto, seja ele grande ou pequeno, mas tem de ser resolvida por um cálculo proporcional, que leve em conta a relação entre a distância do planeta, ao Ascendente, de um lado, e, de outro, a maior ou menor abertura angular da casa onde esse planeta se encontre,

Esta exigência, uma vez formulada, parece óbvia o suficiente para evitar maiores discussões. Quem fixa a órbita em oito, em nove ou dezoito graus, está tão errado quanto quem fixe em um ou dois graus. O que temos de fixar, não é um número absoluto, mas uma proporção. Isto é seguro. O que não é seguro, ainda, é qual é essa proporção: um terço, um quarto? Seis décimos? Um sobre quatrocentos e vinte avos da extensão angular da casa?

Não sei e ninguém sabe. Este ponto terá de ser averiguado mais tarde, em longa e criteriosa pesquisa, a qual no entanto pressupõe como já resolvida a noção mesma de influência astral, e é mera especulação e divertimento antes disso.

O que é certo é: 1°, que os pontos angulares - e, por extensão, as casas em geral - têm uma órbita maior do que julgava a astrologia tradicional, como demonstrou a pesquisa Gauquelin; 2°, que essa órbita, como demonstramos logicamente, não pode ser fixada em número absoluto, mas deve ser estabelecida por uma proporção entre a distância do planeta ao ponto considerado e a extensão angular da casa, onde o planeta astronomicamente esteja. Isto é tudo. O resto, é conjetura.

Como, no entanto, devemos tomar uma orientação prática provisória qualquer, admitiremos, a título de mera hipótese, as seguintes órbitas: para as casas angulares: 1/4 da abertura angular da casa anterior; para as demais casas 1/5 da abertura angular da casa anterior.

Assim, se um planeta estiver colocado sete graus antes do Ascendente, e a Casa XII medir 32 graus, esse planeta, estando assim no último quarto da Casa XII, será considerado conjunto ao Ascendente e, portanto localizado na Casa I, astrologicamente, embora astronomicamente esteja na XII.

Um planeta que esteja quatro graus antes da casa V, numa Casa IV que meça 30 graus, estará no último quinto da casa IV, e portanto, astrologicamente, já na Casa V. E assim por diante.

Planetas que estejam limítrofes, isto é, na exata divisão entre o último e o penúltimo quarto, ou o último e o penúltimo quinto, devem ser considerados prejudicados pela impossibilidade de fixar-lhes o lugar; são índices obscuros - como, por exemplo, um borrão num eletrocardiograma - e, como tais, devem ser deixados de um lado, ao menos provisoriamente, como de difícil ou impossível interpretação.

Este critério tem levado a bons resultados em Astrocaracterologia, mas ainda é cedo para

dizer se ele é certo ou errado.

Peço aos alunos que o adotem a título de convenção provisória, deixando para mais tarde as discussões e investigações a respeito, as quais, no estado presente dos conhecimentos, não poderiam ser outra coisa senão especulações gratuitas ou polêmicas estéreis.

Planetas nas Casas

As fórmulas que se seguem - resumidas pelos alunos do Curso de Astrocaracterologia - não constituem "interpretações", nem mesmo a título sumário, mas apenas sinais da direção que devem seguir as investigações sobre cada posição planetária em Astrocaracterologia.

LUA

Lua na I - Sente, como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete sua auto-imagem.

Lua na II - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer mudança no seu equilíbrio sensorial.

Lua na III- Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Lua na IV - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação a gratificação ou frustração dos desejos.

Lua na V - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer fato ou situação que interprete como um desafio à sua capacidade.

Lua na VI - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer situação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Lua na VII - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer expectativa bilateral.

Lua na VIII - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer informação que anuncie mudança iminente do estado de coisas.

Lua na IX - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete suas crenças estabelecidas.

Lua na X - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação seu lugar na hierarquia de poder.

Lua na XI - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo o que, a seus olhos, anuncie ou desminta uma perspectiva futura.

Lua na XII - Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que pareça provir

de fora do seu espaço vital.

VÊNUS

Vênus na I - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante sua auto-imagem.

Vênus na II - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante tudo o que afete o seu equilíbrio sensorial.

Vênus na III - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o curso momentâneo do raciocínio - seu ou alheio.

Vênus na IV - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o seu estado íntimo, seja de satisfação ou frustração.

Vênus na V - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante os desafios à sua capacidade.

Vênus na VI - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso. ou gratificante seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Vênus na VII - Imagina poder moldar sempre em sentido. proveitoso ou gratificante todas as situações que envolvam expectativa bilateral.

Vênus na VIII - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante qualquer mudança iminente no estado de coisas.

Vênus na IX - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante os motivos de credibilidade que sustentam suas crenças estabelecidas. .

Vênus na X - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante seu lugar na hierarquia de poder.

Vênus na XI - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o mundo futuro.

Vênus na XII - Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante tudo que pareça estar fora do seu espaço vital.

SATURNO

Saturno na I - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que afete sua auto-imagem.

Saturno na II - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que denote uma mudança no seu equilíbrio sensorial.

Saturno na III - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Saturno na IV - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que se refira à gratificação e frustração dos desejos.

Saturno na V -É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que denote fim desafio às suas capacidades.

Saturno na VI - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Saturno na VII - É impelido a integrar nos'seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a qualquer informação que afete uma expectativa bilateral.

Saturno na VIII- É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a -qualquer informação que anuncie uma mudança iminente do estado de coisas.

Saturno na IX - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete suas crenças estabelecidas.

Saturno na X - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que se refira ao seu lugar na hierarquia de poder.

Saturno na XI - É impelido a integrar nos seus esquema consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete sua visão de futuro.

Saturno na XII - É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados – ou a amoldá-los a - qualquer informação que pareça provir de fora do seu espaço vital.

SOL

Sol na I - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade sua auto-imagem.

Sol na II - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o quadro total da situação corporal estabelecida no momento.

Sol na III - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o curso completo do seu raciocínio.

Sol na IV - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o

conjunto de seus motivos de gratificação e frustração dos desejos.

Sol na V - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade os desafios à sua capacidade.

Sol na VI - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Sol na VII - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as relações de expectativa bilateral.

Sol na VIII - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as causas de mudança iminente do estado de coisas.

Sol na IX - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade tudo quanto constitua motivo de certeza, de confirmação de suas crenças estabelecidas.

Sol na X - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade a hierarquia de poder, tal como pode percebê-la como um todo desde o lugar que nela ocupa.

Sol na XI - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as forças que, no presente, moldam um futuro de acordo com sua visão.

Sol na XII - Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade tudo o que pareça provir de fora de seu espaço vital.

MARTE

Marte na I - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete sua auto-imagem.

Marte na II - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que denote uma mudança no seu equilíbrio sensorial.

Marte na III - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Marte na IV - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que diga respeito à gratificação e frustração dos seus desejos.

Marte na V - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que denote um desafio às suas capacidades.

Marte na VI - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Marte na VII - Reage de maneira pronta,exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete uma expectativa bilateral.

Marte na VIII - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que anuncie uma mudança iminente do estado de coisas.

Marte na IX - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete suas crenças estabelecidas.

Marte na X - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete o seu lugar na hierarquia de poder.

Marte na XI - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete sua visão do futuro.

Marte na XII - Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que pareça provir de fora do seu espaço vital.

JÚPITER

Júpiter na I - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos sua imagem, ou personalidade exterior.

Júpiter na II - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos tudo o que afete seu equilíbrio sensorial.

Júpiter na III - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o curso do raciocínio - seu ou alheio.

Júpiter na IV - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos seu estado íntimo de equilíbrio entre gratificação e frustração.

Júpiter na V - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos qualquer desafio à sua capacidade.

Júpiter na VI - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Júpiter na VII - Age como se tivesse o poder de criar expectativas bilaterais favoráveis a seus propósitos.

Júpiter na VIII - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos as mudanças iminentes do estado de coisas.

Júpiter na IX - Age como se tivesse o poder de amoldar às suas crenças todas as informações.

Júpiter na X - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o seu lugar na hierarquia de poder.

Júpiter na XI - Age como se tivesse o poder de amolda a seus propósitos tudo o que determine seu futuro e sua fama.

Júpiter na XII - Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o que pareça provir de fora de seu espaço vital.

Sobre o Ensino da Astrologia I

A Formação Profissional do Astrólogo: suas normas e critérios

O Curso de Formação de Astrólogos, da Escola Astroscientia, é uma experiência pioneira no ensino- da astrologia. Ela distingue-se de outras iniciativas nesse setor, principalmente por duas características:

1ª – É um ensino sistemático.

2ª - É um ensino aberto e crítico.

Os alunos devem tornar consciência das intenções contidas nesses dois conceitos, para poder tirar pleno proveito do ensino que vão receber.

Ensino sistemático - Isto quer dizer, em primeiro lugar, que o nosso ensino procura abranger a totalidade essencial dos campos de conhecimento necessários à formação e ao exercício profissional do astrólogo. Mas, em segundo e mais importante lugar, quer dizer que essa totalidade não é apenas uma coleção ou enciclopédia, e sim um sistema hierarquizado e subdividido segundo um critério único e central. Este critério, que será adiante explicado, constitui a espinha dorsal do nosso curso.

Ensino aberto e crítico - Isto significa que, em nosso curso, procuramos apresentar o estado atual das técnicas e práticas astrológicas (bem corno algo da evolução histórica que levou a esse estado) sem nada ocultar da diversidade de escolas e opiniões, sem escamotear o caráter eventualmente problemático ou até duvidoso de algumas dessas técnicas, e sem pretendermos oferecer uma solução pronta e acabada para as dificuldades e contradições que elas sugerem. Procuramos, com isto, evitar todo sectarismo que nos investisse de uma falsa autoridade; e, ao colocarmos normas e critérios para a investigação científica em astrologia, reconhecemos plenamente que a aplicação desses critérios à solução dos problemas colocados pelas técnicas hoje em dia vigentes é um estudo que ainda mal começou, e que deve ser visto mais como uma perspectiva promissora do que como um patrimônio adquirido. Há, é claro, em astrologia, um certo campo de conhecimento solidamente estabelecido; mas há um continente muito maior de dúvidas e perplexidades abertas à investigação. Muitas das técnicas de uso corrente em astrologia prática estão dentro desse continente duvidoso; e, neste caso, limitamo-nos a ensiná-las tais e quais seus autores as propõem e a dar algumas sugestões para sua avaliação científica posterior, sem nada prejulgarmos quanto ao resultado dessa avaliação.

Unidade e diversidade - Seguindo concomitantemente essas duas orientações, nosso curso

pretende encontrar uma síntese harmoniosa de unidade e diversidade: unidade dos critérios científicos e da proposta pedagógica, como se verá adiante; diversidade de hipóteses, de campos, de propostas de investigação, sem qualquer fechamento dogmático. Quanto ao critério único e central a que nos referimos acima, ele surge dos seguintes princípios:

- Todo e qualquer ensino profissional de nível superior deve necessariamente abranger três níveis; a teoria, a técnica e a prática.

- Teoria é a delimitação do campo de investigação e de atividade, a fixação de métodos e critérios para a consecução dos objetivos (científicos e técnicos), a divisão do assunto em setores e problemas específicos e, finalmente, a periódica reavaliação dos progressos obtidos, com a conseqüente (se necessária) reformulação de conceitos e princípios.

- Técnica é o conjunto, indefinidamente variado, dos conhecimentos científicos ou não, que podem ser requeridos para uma atividade científica ou prática.

- Prática é a aplicação efetiva dessa teoria e dessa técnica à solução de problemas reais.

- Cada um desses três níveis admite uma certa graduação de unidade e coesão, decrescentes do primeiro para o terceiro:

a) A teoria deve ter o máximo de unidade lógica em todos os seus passos e momentos. Deve esforçar-se para constituir um corpo único e coerente, onde conceitos, princípios, métodos, critérios e resultados estejam sempre referidos uns aos outros, sustentando-se mutuamente e excluindo toda contradição. Isto é assim em todos os setores do conhecimento.

b) A técnica já no pode ter esse mesmo grau de coesão, pois qualquer investigação científica pode ter de fazer apelo a conhecimentos provenientes de outras áreas e disciplinas, que nem sempre estão ligadas, por um nexo lógico, à teoria que preside a área em investigação. Por exemplo, em Medicina Clínica, a investigação diagnostica pode exigir do médico o recurso a dados de natureza sociológica, psicológica, etc., sem que ele tenha, no momento, a possibilidade de reduzir sociologia, psicologia e clínica médica a um corpo teórico único e coerente. Por esta razão, os conhecimentos teóricos, em qualquer disciplina, podem se alastrar por muitas áreas e direções diversas, conforme as necessidades, mas ou menos acidentais, que a pesquisa vá oferecendo. Em suma, os conhecimentos técnicos, em qualquer área do conhecimento, são sempre de uma variedade grande e mais ou menos imprevisível, não podendo ser coeridos senão por um tipo de unidade externa e, digamos assim, enciclopédica, sem redução a um corpo teórico unitário.

c) Finalmente, a prática pode oferecer uma variedade ainda maior de situações, exigindo do praticante habilidades e conhecimentos e às vezes dons pessoais-perfeitamente

alheios à sua formação teórica e técnica propriamente dita. A prática é o confronto com o caso individual real e concreto, que sempre contém uma infinidade de componentes fortuitos que nenhuma teoria ou técnica pode abranger totalmente, mas cuja consideração pode ser de grande relevância na situação real.

- Em vista disso, o ensino de cada um desses níveis deve atender a um objetivo diverso, com diverso critério de valoração: .

a) O ensino da teoria deve primar pela coerência lógica, pelo rigor crítico em todos os seus passos.

b) O ensino da técnica deve abrir-se à variedade das situações de pesquisa mais comuns no meio social dado e no estado presente da área investigada, procurando, sempre que possível, dar a essa variedade de conhecimento alguma coesão ao menos pedagógica e mnemônica, de modo a facilitar o manejo, pelo aluno, de uma massa de informações que pode ser bastante variada, mas sem nenhuma ilusão de unidade teórica.

c) Finalmente, a prática, como é óbvio, só se aprende na prática. É preciso que o aluno veja o profissional habilidoso trabalhar, e que participe ele mesmo, pessoalmente, desse trabalho, adquirindo assim a flexibilidade, a desenvoltura, a autoconfiança ponderada e, last but not least, aquela coisa indefinível,necessária a toda ciência ou arte, e que alguns chamam feeling,outros intuição, outros bossa e não se sabe mais quantos termos, cuja variedade mesma demonstra a impossibilidade de definir algo que, no fundo, todo mundo sabe do que se trata.

- O ensino integral da Astrologia, tal como aqui se propõe, segue portanto um critério que, n_ sua essência, vai do mais coeso para o menos coeso, do mais uno ao mais variado, quando mais nos afastamos da pura teoria e mais nos aproximamos das situações práticas reais. Para acompanhar esse ensino com proveito, os interessados devem acostumar-se, portanto, a exigirem de si, de um lado, rigor e coerência lógica, no campo teórico, e, de outro lado, abertura e flexibilidade na técnica e na prática.

Esta advertência é sumamente necessária quando se considera que, na prática como no ensino da Astrologia, se têm observado duas distorções, opostas mas às vezes concomitantes, que reduzem tudo a uma mixórdia perturbadora: a frouxidão, a vagueza, a falta de lógica na teoria, e, de outro lado, o impulso de coerir artificialmente as técnicas e a prática mediante sentenças dogmáticas e decretos autoritários. O astrólogo ou professor de astrologia que, de um lado, fundamenta a astrologia numa pretensa revelação mística (recebida por ele pessoalmente e inacessível a nós outros, mortais comuns) e, de outro lado, decreta peremptoriamente que só a sua maneira de interpretar Plutão ou Saturno é a correta, e falsas as demais, comete o erro de ser "duro" onde convém. ser flexível, e molenga onde convém ser durão: amolece os ossos e petrifica o estômago, confundindo Câncer com Capricórnio.

Se os interessados acompanharam atentamente essas explicações até aqui não terão agora dificuldade de perceber o encadeamento lógico do nosso programa, que obedece a urna ligação necessária entre as disciplinas e não faz nenhuma concessão à moda e às preferências arbitrárias. Esse programa é motivo de orgulho para a nossa escola. Ele resulta de urna depuração da experiência de muitos ano, e estamos seguros de que pode servir de modelo para o ensino superior da astrologia em qualquer país do mundo.

A primeira parte - a Teoria - divide-se numa Teoria Geral e numa Teoria Especial. A primeira visa a localizar a astrologia, de um lado, na evolução histórica do saber e, de outro lado, no quadro ou Sistema das Ciências atualmente existentes, dando assim ao aluno as coordenadas - sincrônicas e diacrônicas - sem as quais o estudo da astrologia ficaria boiando no vácuo, sem conexões com o mundo do saber e, portanto, sem significação cultural. A terceira disciplina desta parte - a Psicologia - visa a delimitar o campo que, nas atuais-ciências humanas, vem sendo o mais próximo da área de interesse dos astrólogos é, de fato, no campo da astrologia psicológica que a maior parte dos nossos alunos irá mais tarde exercer o seu ofício, o que seria inviável sem que tivessem um domínio dos conceitos psicológicos de base, e de suas ligações com a astrologia.

A segunda divisão da parte teórica - Teoria Especial dará aos alunos, de um lado, os conceitos operatórios da base atualmente em uso na astrologia (Astrologia Fundamental, ou seja, o vocabulário astrológico sem o qual seria vedado o acesso até mesmo à bibliografia mais elementar), e, de outro lado, uma informação geral sobre os elementos teóricos da astrologia ainda dispersos nebulosamente em áreas de conhecimento contíguas, corno os mitos e símbolos. Um símbolo, como o definiu Susanne K. Langer, é "uma matriz de intelecções", vale dizer: cada símbolo encerra, comprimidos em linguagem sintética, muitos e muitos conceitos científicos latentes. Ainda hoje, urna grande e significativa parte das idéias que norteiam os astrólogos em sua prática diária está expressa nessa linguagem sintética e simbólica, que só aos poucos vai sendo depurada e traduzida em conceitos e princípios científicos. A mitologia e o simbolismo constituem, assim, a terra escura mas fértil de onde vai nascendo, aos poucos,- e de onde continuará nascendo, pelo esforço desta e das futuras gerações - o saber astrológico explicitado em linguagem científica. Evidentemente, a teoria astrológica se mostra assim como um desenvolvimento histórico e não como um sistema já estruturado; daí a ênfase que damos, nesta parte, à História da Astrologia.

A Técnica, como vimos, pode abarcar uma multidão de conhecimentos, sem conexão sistemática entre si, e cuja ligação só surgirá plenamente em função da prática. Seguindo a definição de Astrologia como "Astronomia comparada" ou "Estudo das relações entre fenômenos celestes e terrestres de qualquer natureza" (definição esta proposta pela Astrocaracterologia e adotada por esta escola), a parte técnica se divide em dois setores: a astronomia, ou conjunto de técnicas destinadas a assegurar uma descrição adequada dos fenômenos celestes, e a técnica astrológica, ou conjunto de procedimentos interpretativos, dos

mais variados, usados corretamente em astrologia para estabelecer algum tipo de correlação entre esses fenômenos e a vida terrestre (natural e humana). As catorze técnicas aqui transmitidas foram selecionadas unicamente em razão de serem as de uso mais geral. Esta seleção é, portanto, de índole prática e não reflete nenhuma preferência teórica. Novas e novas técnicas vão surgindo a cada dia, de valor muito variável, e o aluno poderá estudá-las mais tarde, seja por sua própria conta, seja em nossos cursos opcionais, mas é evidente que todas elas pressupõem o conhecimento destas mais básicas que aqui ensinamos. De qualquer modo, esta parte do programa, por sua natureza enciclopédica, poderá sempre sofrer acréscimos (não diminuições).

A Prática, enfim, consiste no confronto do aluno com o trabalho real do astrólogo, nas duas grandes áreas de atividade atualmente existentes na nossa profissão: a Clínica, ou seja, o atendimento de clientes, para a elaboração de perfis, de diagnósticos vocacionais, situacionais, psicológicos; etc., e a pesquisa científica. Nesta parte, os alunos serão postos em contato com astrólogos experimentados, a cujo trabalho assistirão, e também com casos reais para que os resolvam pessoalmente, procedendo a interpretações sob a orientação de nossos professores.

Uma etapa final será a orientação dos alunos para a redação de um trabalho científico, uma monografia sobre tema à escolha do aluno entre os muitos lecionados rio curso, que ateste seu domínio das matérias teóricas.

A unidade e simultânea variedade deste programa devem ser perfeitamente compreendidas pelo aluno desde o princípio para que, a cada momento, ele capte não apenas o conteúdo do que lhe ensinam, mas as razões de conjunto para lhe ensinarem precisamente isso e não outra coisa.

Também é evidente que a ordem cronológica, com que as matérias serão lecionadas não pode nem deve corresponder a este esquema lógico aqui apresentado, seja por razões de conveniência prática, seja por razões pedagógicas. Deste modo, o aluno, compreendendo o sistema de ensino como uma regra .fixa de jogo, poderá, a cada lance, avaliar o seu aprendizado e orientar-se no conjunto.

Sobre o Ensino da Astrologia II

O QUE NÃO SOMOS

Auto-definição dos professores da Escola Astroscientia

1- Não somos "astrólogos esotéricos"

Embora quase todo o simbolismo astrológico provenha de antigas tradições esotéricas, a astrologia, em si, não é um conhecimento oculto ou misterioso, acessível somente a círculos de iniciados. Ela é um saber racional, transmissível, que pode e deve expor-se à discussão, à crítica e ao julgamento públicos. Sua aquisição não depende do ingresso em ritos iniciáticos nem de iluminações místicas, mas de esforço, paciência, estudo e reflexão.

Se há nela um elemento "interior" ou "intuitivo", ele não é nem maior nem mais. decisivo em astrologia do que em qualquer outro conhecimento.

2- Não somos "astrólogos científicos".

A expressão "astrologia científica", tal corno usada em muitos manuais e obras de divulgação, denota a intenção de submeter os conteúdos da astrologia, tais e quais ela os recebe inalterados de antigas e não raro obscuras tradições, à verificação segundo critérios extraídos de ciências que surgiram e cresceram à margem dessas tradições ou em oposição a elas. É urna tentativa de encaixar, à força, conteúdos simbólicos e míticos num molde científico estranho. Não aceitamos esse gênero de enxerto. Ele banaliza os mitos e desmoraliza a ciência.

A astrologia, a nosso ver, deve constituir-se em ciência autônoma, erguendo-se desde suas próprias bases, com seu objeto próprio e seus próprios métodos e critérios, racionalmente fundamentados e, nisto, científicos, mas rigorosamente afeitos ao caráter específico de seu objeto, sem espremê-lo artificialmente nos esquemas de outras ciências. Ela deve tornar-se ciência desde dentro, pela validade científica intrínseca de seus conceitos, de seus princípios, de seus métodos e critérios, e não pelo arremedo parasitário de uma mera imagem de ciência, recortada segundo o gosto do público; nem muito menos pela adoção servil de vícios e cacoetes da comunidade científica.

A legitimidade da astrologia como ciência depende de sua consistência interna e de sua autonomia. A física ou a história, a astronomia ou a psicologia não devem ser

admitidas como juízas nem como legisladoras da astrologia, a qual trata de um objeto que escapa ao domínio delas e requer - nada mais, nada menos - a constituição de uma ciência própria, especial e nova para estudá-lo. O nome desta ciênda é astrologia, sem adjetivos. Se este mesmo nome serviu para designar, ao longo das eras, a abordagem não-científica ou pré-científica do mesmo tema, outro tanto aconteceu com os termos "história" e "física" e "psicologia", que serviram primeiro para designar o estudo empírico e especulativo de seus objetos e somente depois o seu "estudo sistemático e científico, sem que em nenhum desses casos as pessoas envolvidas sentissem a menor necessidade de mudar o nome de sua ocupação quando ela passou da fase primitiva ao estágio de ciência. "Física" era, e "física" ficou. "Astrologia" era, e "astrologia" ficará. Nada de acrescentar-lhe "científica", e menos ainda de camuflar sua identidade sob o leque de prefixos - bio, cosmo, psico, crono e quantos mais - com que os tímidos dão ares de modernidade à sua ocupação e tentam, numa vergonhosa subserviência a críticos maliciosos, apagar as pistas de um passado do qual, em vez disto, deveriam orgulhar-se. Esconde a física pós-galilaica sua origem aristotélica? Não se vangloria a ciência histórica moderna de seus antepassados Heródoto e Tito Lívio? A ciência astrológica, ao constituir-se, deve celebrar e não renegar a herança de Ptolomeu e Bonatti, Albumasar e Fludd, Jerônimo Cardan e Morin de Villefranche. Sem o legado pré-científico, o projeto de uma ciência é uma semente atirada às pedras.

3- Não somos "adeptos da astrologia".

A astrologia não é uma fé ou crença, que deva ser defendida contra os adeptos do partido contrário. A astrologia é duas coisas: 1°, é um problema que se coloca à inteligência humana: o problema das relações entre fenômenos celestes e terrestres; de sua existência, de seu alcance, de suas modalidades e suas causas; 2°, é um conjunto de afirmações e hipóteses'propostas pelos. astrólogos de ofício, antigos e modernos, para responder, mal ou bem, ao desafio desse problema. Nenhuma dessas coisas é objeto de fé. A primeira é para ser investigada cientificamente, com os meios formidáveis de que hoje dispomos, até seu esclarecimento suficiente. A segunda - a tradição astrológica - é para ser reexaminada, reavaliada, adaptada e reformada quantas vezes seja necessário fazê-lo no curso desse estudo, ao qual ela fornece, na pior das hipóteses, inspiração e incentivo, e, na melhor, antecipações surpreendentes e geniais. Em caso nenhum se trata de aderir ou repelir, de proclamar os dogmas da fé ou derrubar os ídolos. Este tipo de grossa polêmica, que defende ou nega em bloco e sem cuidadosas discriminações, é a peste propriamente dita, e igualmente daninha quando acomete a amigos ou inimigos da astrologia, que no fim se tornam todos, em maior ou menor proporção, inimigos da verdade.

4- Não somos psicólogos ou psicoterapeutas.

Rejeitamos na base o postulado, corrente em certos círculos, que faz da astrologia uma parte ou divisão da psicologia, ou uma forma ou sucedâneo de psicoterapia. A astrologia é o estudo das.relações entre fenômenos celestes e terrestres de qualquer natureza, e neste estudo os fenômenos psicológicos não têm relevo maior ou menor que os históricos, geofísicos, biológicos ou econômicos, a não ser, talvez, acidental e passageiramente, por um seu maior atrativo popular, alheio ao cerne da questão.

A astrologia, ao constituir-se como ciência, ou será um nada ou será uma ciência de direito próprio, com seu objeto irredutível ao das outras. Para a consecução do seu propósito, que é a elucidação das relações entre fenômenos celestes e terrestres, ela poderá, é claro, apoiar-se livremente em dados e contribuições de outras ciências, como a História recebe elementos da Psicologia e esta da Biologia, sem que por isto estas adquiram sobre ela o menor privilégio, assim como os dados geográficos utilizados em História não fazem desta uma caudatária ou subdivisão da Geografia nem a compelem a prestar-lhe satisfações no que tange ao seu domínio especial. Similarmente, as descobertas astrológicas que se possam revelar úteis para outros domínios da investigação - como por exemplo os ciclos planetários podem ajudar na periodização histórica - não farão, por si sós, do astrólogo uma autoridade nesses domínios. Mais particularmente, o proveito que da astrologia pode resultar para a psicologia ou para a psicoterapia não basta para transformar automaticamente o astrólogo em psicoterapeuta habilitado. Isto não quer dizer que um astrólogo não possa ser também psicoterapeuta; quer dizer apenas que para sê-lo ele tem de saber algo mais que astrologia. Pois nem esta abarca a psicoterapia e a psicologia, nem é por elas abarcada.

5- Não somos astrônomos.

Se rejeitamos a subordinação da astrologia a qualquer ramo de ciência, repelimos com ênfase particular as pretensões hegemônicas que sobre ela tem manifestado a astronomia. Em face das doutíssimas opiniões que os astrônomos não cessam de emitir a respeito do tema, devemos afirmar taxativamente que a astronomia fornece à astrologia apenas uma parte dos dados com que esta opera, e que em si mesmos nada significam fora da sua comparação com os dados de outras ciências completamente diversas, pois é nesta comparação, e em mais nada, que a astrologia consiste; que esses dados astronômicos, em tal estudo, constituem matéria e não forma, assunto e não princípio organizador ou explicativo; que a astrologia, por isto, não deve à astronomia nem o seu objeto, nem os seus critérios e princípios de base, nem os seus métodos; e que, em suma, o astrônomo enquanto tal não tem nada que opinar no que não é da sua competência, cabendo-lhe apenas a alternativa de calar-se ou então de respeitar a especificidade do objeto sobre o qual opina, isto é: de estudar astrologia astrologicamente.

6- Não somos gurus.

Consideramos uma pretensão abusiva a de certos astrólogos que anunciam revelar a seus clientes o "sentido cósmico" de suas existências individuais, com base numa interpretação finalística ou "cármica" de seus horóscopos. Ao fazer isto o astrólogo posa de hierofante nos mistérios eternos, de intérprete qualificado da vontade divina estampada criptograficamente nos céus.

A magnitude das perspectivas que o estudo da astrologia abre às especulações sobre o lugar do homem no cosmos pode facilmente convidar a tais extrapolações do saber astrológico, pelo fogo que ateia à imaginação. Mas a grandiosidade do assunto não amplia, automaticamente, a autoridade de quem o estuda. Por mais que a meditação desse assunto faça do astrólogo, ao menos em potência, um filósofo profundo, ela não o transformará em guru, nem sacerdote, nem oráculo habilitado a decifrar os desígnios ocultos da Providência por trás de cada quadratura de Mercúrio ou trígono de Vênus. O astrólogo é apenas um homem de ciência e um praticante de uma técnica diagnóstica que se baseia em fenômenos naturais e humanos e nada conhece para além do natural e do humano. Pelo seu objeto de estudo, ele pode estar até particularmente bem colocado, mais que outros homens, para especular sobre o sentido da vida; mas, corno as de outros homens, suas especulações serão especulações e nada mais.

Os conhecimentos astrológicos, integrando-se progressiva e harmoniosamente em conjuntos maiores de conhecimentos sobre o homem e o cosmos, poderão por sua vez contribuir poderosamente para fundamentar aos poucos urna interpretação global do sentido da vida. Mas a contribuição astrológica há de ser, nesse conjunto, uma parte e nada mais que parte, sem nenhum privilégio especial. O sentido da vida não firmou conosco nenhum contrato de arrendamento: não dispomos dele, nem nos cabe sublocá-lo por dinheiro ou por aplauso.

Fontes dos Textos

Dos textos aqui reproduzidos, somente a Introdução foi escrita especialmente para este volume. A origem dos demais é a seguinte: .

- O Debate que Entrou em Órbita. Texto inédito.
- Manifesto de Fundação da SBA. Distribuído a todos os convidados presentes à inauguração da Sociedade Brasileira de Astrocaracterologia, em abril de 1990.
- Que é a Astrocaracterologia? Texto escrito para Jacques Halbronn, em resposta a perguntas deste, quando de sua visita ao Brasil em março de 1992.
- Astrologia:Ciência e Ilusão. Resumo esquemático de um Curso proferido no FNAC (Fórum Nacional de Arte e Cultura), Rio de Janeiro, 28 a 31 de março de 1989.
- As Camadas da Personalidade. O texto foi distribuído aos alunos do Curso de Astrocaracterologia em junho de 1990. Os Comentários orais, transcritos por Henriette Fonseca, foram publicados na Apostila 3 do Curso.
- Biografia e Destinologia. Publicado na Apostila 7 do Curso de Astrocaracterologia.
- Orientação quanto às Órbitas. Publicado na Apostila 1 do Curso.
- Planetas nas Casas. Resumo de diversas aulas, feito pelas alunas Stella Caymmi, Ana Maria Santos Peixoto, Edna Tikerpe e Maria Freire Campello.
- Sobre o Ensino da Astrologia (I e II). Redigido para a Escola Astroscientia, do Rio de Janeiro, como projeto e fundamentação do seu programa de cursos.